



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES VISUAIS E MÚSICA

DINOMAR ROSA ARAÚJO

MÚSICA E TRADIÇÃO: TRAJETÓRIA DA FOLIA DE REIS NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO MIMOSO

ARRAIAS – TO

2019

DINOMAR ROSA ARAÚJO

**MÚSICA E TRADIÇÃO: TRAJETÓRIA DA FOLIA DE REIS NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO MIMOSO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/ Campus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ana Roseli Paes dos Santos

Coorientador: Prof. Dr. Wilson Rogério dos Santos

Arraias/TO
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

A663m Araújo, Dinomar Rosa.
Música e tradição: Trajetória da Folia de Reis na comunidade quilombola do Mimoso . / Dinomar Rosa Araújo. – Arraias, TO, 2019.
71 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo,
2019.

Orientadora : Ana Roseli Paes dos Santos

Coorientador: Wilson Rogério dos Santos

1. Folia de Reis. 2. Etnomusicologia. 3. Música e Educação do Campo. 4. Música. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

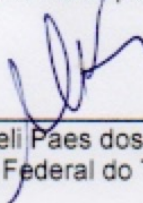
DINOMAR ROSA ARAÚJO

MÚSICA E TRADIÇÃO: TRAJETÓRIA DA FOLIA DE REIS NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO MIMOSO

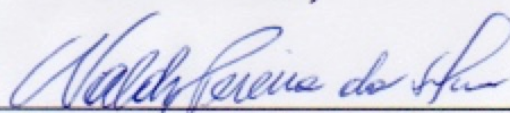
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Defendida e aprovada em: 18 de Novembro de 2019.

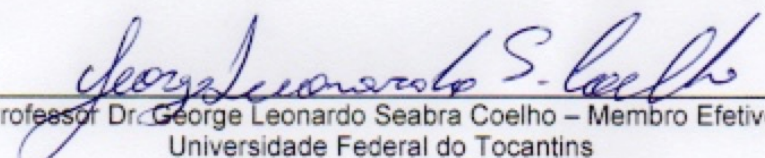
Banca examinadora formada pelos professores:



Professora Dr.^a Ana Roseli Paes dos Santos – Presidente
Universidade Federal do Tocantins



Professor Dr. Waldir Pereira da Silva – Membro Efetivo
Universidade Federal do Tocantins



Professor Dr. George Leonardo Seabra Coelho – Membro Efetivo
Universidade Federal do Tocantins

A Deus e toda a minha família em especial os meus pais, Mauro e Galdina, pelo amor, carinho, dedicação, ensinamentos, pelo apoio em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, pela vida e por me dar força e determinação nos momentos de dificuldades.

Aos meus pais, Mauro Pereira Araújo e Galdina Dos Santos Rosa, por todos os esforços para garantir meus estudos e por terem sempre me apoiado nas decisões, muitas das vezes difíceis que tive que enfrentar até aqui.

À minha filha, Anny Beatriz Ribeiro Araújo, que mesmo não tendo conhecimento disto, iluminou de uma maneira especial os meus pensamentos, para que eu sempre estivesse disposto a buscar mais conhecimentos.

Às minhas irmãs, Andreia Rosa Araújo e Andressa Araújo dos Santos, por estarem sempre ao meu lado, nas horas difíceis.

À minha namorada, Dayane Nazário Negreiros grande incentivadora que nunca negou carinho e esforços para me ajudar durante a elaboração desse trabalho.

Agradeço, ao meu primeiro orientador, Prof.º Dr. Wilson Rogério dos Santos e à minha orientadora Prof.ª Ana Roseli Paes, pela disponibilidade e carinho e também pela grande sabedoria, paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

A todos os meus professores do curso, Educação do Campo, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e que compartilharam alegrias, conhecimentos e ideias. Foi uma convivência maravilhosa e enriquecedora pra minha vida.

A todos os meus amigos, pelos conselhos, apoio, atenção e companheirismo.

À Comunidade Quilombola do Mimoso, pela recepção e disposição que possibilitaram a realização deste trabalho. Meu muito obrigado a todos.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que fosse possível a realização desse trabalho.

Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É por isso que toda a criação autêntica é um dom para o futuro.

Albert Camus

A evem fulia tá lá longe...

tá dano sinal pros morador que a folia já evem...

**Rainor Marques
(Território Kalunga do Mimoso)**

RESUMO

O presente estudo apresentou como temática central a análise da Folia de Reis da comunidade do Mimoso, no Município de Arraias (TO), a intenção foi desenvolver um projeto vinculado aos saberes e fazeres desta comunidade Quilombola Kalunga, bem como desenvolver um registro físico da tradição da referida comunidade. O local pode ser considerado de difícil acesso, devido às condições precárias das estradas, além disso, até há pouco, não possuía fornecimento de energia elétrica. Seus habitantes são descendentes de pessoas escravizadas que trabalharam especialmente na extração de ouro e desde há muito tempo vem lutando pelos seus direitos, particularmente pelo direito ao território. O Reisado é festa conhecida e praticada desde a época da colonização em várias regiões do Brasil. Manifestação do catolicismo popular que contempla os festejos em louvor aos Reis Magos, relembrando a história da natividade. Elas se mostram como uma importante forma de representação e salvaguarda da cultura popular. O presente trabalho se aproxima dos estudos etnográficos, que pressupõem que o investigador atue de maneira a examinar padrões de comportamento e modos de vida de um determinado grupo. O trabalho está fundamentado em teóricos como: Dantas (2018), Lourenço (2014), Bresler (2006), entre outros e está dividido em três capítulos, além das considerações finais. No primeiro capítulo, foi feito um pequeno levantamento bibliográfico, discutindo parte do que foi escrito sobre o assunto; também foi apresentado o referencial teórico. No segundo capítulo, tratou-se da metodologia e do processo de coleta dos dados; no terceiro capítulo, foi realizada a análise dos dados e a apresentação de algumas conclusões. O trabalho foi realizado entre o período de novembro de 2018 e outubro de 2019, sendo que a coleta de dados (trabalho de campo) foi feita nos meses dezembro de 2018 e janeiro de 2019. A pesquisa é de natureza qualitativa e os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada, questionário, observações, vídeos e fotos. Os objetivos foram registrar, estudar e descrever as práticas musicais e culturais da Folia de Reis da região do Mimoso; conhecer a história da festa e identificar as pessoas que mantêm a tradição viva, compreendendo a relevância desta festividade para a cultura local. Como resultado, evidenciou-se que existe uma relação muito forte entre a música, a imagem, a fé e os gestos. Sendo a bandeira o maior símbolo de fé da festa. Ela é venerada e reverenciada por todos os participantes da folia em uma relação de devoção que apresenta uma forte ligação com o sagrado.

Palavras-chave: Folia de Reis; Etnomusicologia; Música e Educação do Campo.

ABSTRACT

This study presented as its central theme the analysis of the Folia de Reis of the community of Mimoso, in the city of Arraias (TO), the intention was to develop a project linked to the knowledge and doings of this Quilombola Kalunga community, as well as to develop a physical record of the tradition of that community. The place can be considered difficult to access due to the poor conditions of the roads, and until recently, had no electricity supply. Its inhabitants are descendants of enslaved people who worked especially in the extraction of gold and have long been fighting for their rights, particularly for the right to the territory. Reisado is a party known and practiced since the time of colonization, in various regions of Brazil. Manifestation of popular catholicism that contemplates the celebrations in praise of the Magi reminding the history of the nativity. They prove to be an important way of representing and safeguarding popular culture. The present work approaches the ethnographic studies, which presuppose that the researcher acts in order to examine behavioral patterns and ways of life of a certain group. The work is based on theorists such as: Dantas (2018), Lourenço (2014), Bresler (2006), among others and is divided into three chapters, besides the final considerations. In the first chapter, a small bibliographic survey was made, discussing part of what was written about the subject; The theoretical framework was also presented. In the second chapter, it was the methodology and the process of data collection; In the third chapter, data analysis and some conclusions were presented. The work was carried out between November 2018 and October 2019, and data collection (field work) was carried out between December 2018 and January 2019. The research is qualitative and data were collected through semi-structured interview, questionnaire, observations, videos and photos. The objectives were to record, study and describe the musical and cultural practices of Folia de Reis in the Mimoso region; know the history of the party and identify the people who keep the tradition alive, understanding the relevance of this festivity to the local culture. As a result, it became clear that there is a very strong relationship between music, image, faith and gestures. Being the flag the biggest symbol of faith of the party. It is revered and revered by all participants in the revelry in a relationship of devotion that has a strong connection with the sacred.

Keywords: Folia de Reis; Ethnomusicology; Music and country education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIA N.º 1 – PONTE DE LAJE DE CIMENTO NA ESTRADA DE ACESSO AO TERRITÓRIO DO MIMOSO	22
FOTOGRAFIA N.º 2 – ESTRADA DE ACESSO AO TERRITÓRIO DO MIMOSO NA REGIÃO DA ESCOLA BEIRA RIO	23
FOTOGRAFIA N.º 3 – RIO CANABRAVA	25
FOTOGRAFIA N.º 4 – MAPEAMENTO DO TERRITÓRIO DO MIMOSO	26
FOTOGRAFIA N.º 5 – FEIRA	27
FOTOGRAFIA N.º 6 – CAIXA DE FOLIA	29
FOTOGRAFIA N.º 7 – CAIXA DE FOLIA COM DUAS BAQUETAS E TECIDO	30
FOTOGRAFIA N.º 8 – CAIXEIRO SR. RAINOR MARQUES	32
FOTOGRAFIA N.º 9 – PANDEIRO, PARTE POSTERIOR	33
FOTOGRAFIA N.º 10 – PANDEIRO, PARTE LATERAL (BORDA)	34
FOTOGRAFIA N.º 11 – “VIOLEIRO” COM VIOLÃO SR. ERNESTO	36
FOTOGRAFIA N.º 12 – BANDEIRA DA FOLIA DO MIMOSO	37
FOTOGRAFIA N.º 13 – ARFE-LO SR. JOVECÍLIO E A BANDEIRA	38
FOTOGRAFIA N.º 14 – ALTAR DA IGREJA DE SANTOS REIS	40
FOTOGRAFIA N.º 15 – FESTA DE SAÍDA DA BANDEIRA	43
FOTOGRAFIA N.º 16 – FESTA DE SAÍDA DA BANDEIRA	45
FOTOGRAFIA N.º 17 – MONTARIAS NO POUSO	49
FOTOGRAFIA N.º 18 – IGREJA DE SANTOS REIS (MIMOSO)	52
FOTOGRAFIA N.º 19 – RESIDÊNCIA DA SRA. ELENA	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1. ALGUNS ASPECTOS DA PESQUISA NA ÁREA.....	15
1.1 Referencial teórico.....	16
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA	19
2.1 Procedimentos	20
2.1.1 Observação estruturada	20
2.1.2 Entrevista	20
2.1.3 Anotações de campo	21
2.1.3.1 Fotografia.....	21
2.2 Colaboradores na entrevista.....	21
CAPÍTULO 3. ANÁLISE DOS DADOS	22
3.1 Descrição dos locais estudados.....	22
3.2 Resultado das observações	27
3.2.1 O sistema de classificação e classificação dos instrumentos musicais..	27
3.2.2 A Caixa	28
3.2.3 O Pandeiro	32
3.2.4 O Violão	35
3.2.5 A Bandeira	37
3.2.6 O Altar	40
3.3 Análise das observações	41
3.4 O Relato – Pesquisa De Campo	44
CONCLUSÕES	53
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICES/ANEXOS	59

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem foco na música e na tradição praticada por grupos culturais da região do Mimoso no Município de Arraias, a intenção é desenvolver um projeto vinculado aos saberes e fazeres desta comunidade Quilombola Kalunga, que tem sua localização na região sudeste do Estado do Tocantins, a aproximadamente 120 km do Município sede: Arraias. O local, denominado Mimoso, por causa de um córrego que passa no centro da comunidade, pode ser considerado de difícil acesso, devido às condições precárias das estradas de terra (estradas de chão), além disso, até há pouco, não possuía fornecimento de energia elétrica. Seus habitantes são descendentes de pessoas escravizadas que prestaram serviços especialmente na extração de ouro, nas minas da região, e desde há muito tempo vem lutando pelos seus direitos, especialmente pelo direito ao território.

Atualmente a comunidade é composta por cerca de 250 famílias humildes, totalizando mais de 1.300 pessoas que residem em nove polos diferentes. A maioria dos moradores habita casas de pau a pique, construídas com ferramentas básicas e a partir de materiais retirados da natureza. Utilizam a técnica do adobe (tijolos de barro secos ao sol) para as paredes e para as coberturas, utilizam tabocas e palhas.

Alguns anos atrás, a comunidade foi beneficiada com projetos do governo Federal, como o “Luz para todos”, FUNASA (Fundação Nacional de Saúde), para abastecimento água potável e o projeto “Minha casa minha vida”, mas essas iniciativas ainda estão em implantação, que se dá de forma bastante vagarosa. Além disso, a comunidade não dispõe de saneamento básico e o fornecimento de água se restringe aos rios da região, embora já existam em algumas residências, as cisternas instaladas pelo governo. Com relação à assistência médica, a comunidade encontra-se em um estado de calamidade, pois não possui posto de saúde, e as visitas médicas são muito esporádicas. Quando algum membro da comunidade adoece, os casos são tratados no local, necessitando serem resolvidos com a utilização de ervas medicinais, que são colhidas e manuseadas pelos membros mais experientes; os doentes em estado mais grave precisam ser transportados para a sede do Município (Arraias), nem um ônibus que transita duas vezes na semana.

Apesar da situação de desassistência a população guarda saberes e fazeres que identificam as pessoas dessa comunidade e se constituem em conhecimentos que possibilitaram e possibilitam a manutenção da cultura local. Essa preservação,

somada à atenção aos hábitos culturais e religiosos tem grande importância para a comunidade, constituindo-se em uma força de grande significado religioso e cultural.

Entre estas manifestações está a Folia de Reis, tema principal deste trabalho e cujo ciclo é realizado no mês de janeiro, iniciando no dia primeiro e terminando no dia seis. Para essa comunidade, a Folia se torna um momento de grande importância religiosa, mas que, ao mesmo tempo, extrapola esse papel, pois é oportunidade para que as pessoas, principalmente as mais velhas, sintam-se sustentadas pela crença de sucesso nas suas plantações, garantia de fartura e também de melhores condições financeiras. Além disso, a manifestação torna-se um momento propício para a transmissão de valores entre gerações, reafirmação de princípios de fé cristã e resistência cultural.

A Folia de Reis é festa muito conhecida e praticada em várias regiões do Brasil, especialmente nas cidades interioranas, onde a forte religiosidade sempre está presente. Manifestação do catolicismo popular que contempla os festejos em louvor aos reis Baltazar, Melquior e Gaspar, relembrando a história bíblica da natividade por meio de rituais que celebram a visita dos magos a Jesus, na ocasião de seu nascimento.

A festa faz parte do ciclo natalino e, geralmente, é organizada a partir de uma promessa, muitas vezes feita pelo mestre da companhia ou por outra pessoa que se torna o patrocinador, bancando uma parte das despesas. O grupo é composto pelo alferes (arfe-lo) ou bandeireiro, que leva a bandeira (representação simbólica da estrela guia) à frente do cortejo; do encarregado, que é o responsável pelas doações recebidas; do embaixador ou capitão que é o mestre de cerimônia e quem entoia os cânticos; e dos músicos, que tocam instrumentos variados, em sua maioria de confecção artesanal, como tambores, pandeiros, caixas, além da tradicional viola caipira, do violão e do acordeão.

O presente trabalho procurou conhecer, observar e tratar o grupo organizador da folia na comunidade do Mimoso, vivenciando, realizando registro fotográfico e estudando os instrumentos musicais utilizados no processo da festa.

A ideia surgiu a partir de meu interesse em realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso estudando um assunto ligado às tradições populares de meus familiares e de minha comunidade de origem. Portanto este projeto de pesquisa, se deu a partir de minha vivência pessoal na Comunidade Quilombola do Mimoso.

Por estar presente nesta comunidade me foi possível perceber a importância da realização deste trabalho, seja pelo simples fato de divulgar esta tradição cultural, seja pelo fato de tentar registrar estas importantes práticas, que sofrem uma forte pressão dos meios de comunicação e tendem a se perder pela falta (falecimento ou idade avançada) de mestres que permitam sua continuidade. Tal iniciativa pode ser incluída e pretende contribuir dentro de um processo de salvaguarda do patrimônio imaterial da região, que está sendo desenvolvido a partir de diversas pesquisas, abrangendo as realizadas pelo Gabinete de Investigação em Educação Musical do campus de Arraias da Universidade Federal do Tocantins. Nesse sentido, as Festas de Reis podem ser vistas como um dos importantes elementos culturais para afirmação social e identitária dessa comunidade.

Dentro desse processo, uma das principais vantagens que me favorecem é que sendo oriundo da comunidade, posso ter facilidade de acesso às informações e às pessoas que são os responsáveis pela realização da manifestação cultural.

Portanto, a escolha do tema veio do interesse em propagar uma cultura na qual convivo desde pequeno, pois acredito ser de extrema importância que se registre a festa, para que o público tanto comunidade quanto da região tenha acesso a estas informações, o que viabilizará a salvaguarda desta manifestação, sua preservação e continuidade. Se levarmos em consideração que o estudo está sendo desenvolvido por um membro da comunidade, é possível verificar a relevância do tema, que reforça a identidade cultural, bem como as crenças e a religiosidade popular. Neste sentido faz-se necessário pontuar que a referida manifestação vem sendo enfraquecida ao longo dos anos, possivelmente por não haver arquivos, nem estudos acerca do tema que contribuíssem para aderência dos membros mais novos a esta cultura e devido à perdas dos membros e organizadores mais antigos, especialmente por falecimento, devido à idade avançada, fato que leva à perdas de fontes de informação, registro e conhecimentos.

A Folia tem como um de seus principais objetivos trazer seus frequentadores para um espaço sagrado, com o intuito elevar espaço, objetos e pessoas à manifestação Divina, constituída como sinal de alegria pelo nascimento de Jesus Cristo. Transmitir a importância das tradições e dos saberes populares, preservar, salvaguardar e conhecer as diversas Foliás existentes na região é uma necessidade premente e uma das contribuições da pesquisa.

CAPÍTULO 1 — ALGUNS ASPECTOS DA PESQUISA NA ÁREA

Existe uma grande quantidade de textos, trabalhos acadêmicos, artigos e trabalhos didáticos estudando a Folia de Reis. Falar sobre cada um deles seria uma tarefa imensa, especialmente em se tratando de uma monografia de TCC, por esse motivo, o estado da arte referente ao assunto procurou analisar alguns trabalhos mais recentes e que tem maior grau de similaridade com a proposta de estudo, que se coloca principalmente como um registro etnográfico, em detrimento de uma abordagem psicológica, histórica ou antropológica mais elaborada. Há que destacar que uma grande parte dos trabalhos acadêmicos encontrados trata das folias no estado de Minas Gerais e em São Paulo, locais onde essas manifestações tem muita força e tradição.

Em uma linha temporal o primeiro trabalho que podemos considerar é o de Danisa Chaves, uma dissertação escrita em 2011 e que se propôs a estudar três Folias de Reis da cidade de Três Corações (MG). O estudo dá atenção especial aos marungos, os palhaços que acompanham a folia em muitos lugares pelo Brasil. No mesmo ano (2011), Ana Paula Santos Horta apresentou sua dissertação de mestrado em que estudou, em campo, os grupos de Folia de Reis da região da Serra da Canastra (MG), dando atenção especial ao aspecto ritual do processo. A autora documentou a Festa de São José do Barreiro (MG) e procurou entrelaçar “etnografia, contextualização histórica e pressupostos teóricos para revelar alguns dos sentidos do ritual de devoção aos Três Reis Magos” (HORTA, 2011, p. 18), entre eles a vivencia da religiosidade e da presença física de divindades, alimentando a relação entre os homens e os Reis do Oriente.

Iara Toscano Correia (2013), na sua tese *(Re)-significações religiosas no sertão das gerais*, buscou estudar as Folias de Reis da região de Januária, norte de Minas Gerais. Foram quatro grupos analisados na busca de encontrar as bases históricas que contribuem para a manutenção dessa tradição cultural. A autora pôde perceber diferentes estratégias para a ritualização das práticas e destaca que uma delas é o entendimento que a cultura e a educação são armas importantes na luta contra a exclusão, desta forma a tradição é assumida como ferramenta para resgatar a autoestima e contribuir para o desenvolvimento social:

O grupo caminha a passos largos para institucionalização, e seu líder acalenta o sonho de tornar o Centro de Cultura Berto Preto em espaço educacional, que congregue também outros tipos de expressões da cultura popular. O grupo vem se adequando para participar de editais de incentivo a

cultura e outras formas de captação de recursos. Além de uma performance impecável, os Terno de Reis dos Temerosos tem ampla experiência em apresentações e espetáculos de cultura (CORREIA, 2013, p. 299-230).

Neste estudo destacam-se as Folias de Reis de Alegre e a do Zé Preto, pois são similares ao grupo estudado nesta monografia, por se tratarem de manifestações estritamente rurais. As duas manifestações acontecem dentro de um grupo familiar e comunitário onde existe o incentivo à manutenção das atividades por meio da iniciação de crianças muito pequenas: “Assim que completam cinco anos começam a peregrinar com o terno pelas proximidades da comunidade, primeiro com instrumentos de percussão e, com o tempo, podem alcançar, quem sabe, a posição de folião de guia” (CORREIA, 2013, p. 301).

Finalmente Aliny Cristina Lourenço (2014), estudou a Folia de Reis da Cidade de São José do Barreiro; esta, no Vale do Paraíba, estado de São Paulo. Basicamente ela procurou identificar as diversas transformações e adaptações que a festa recebeu durante o passar do tempo e compreender, por meio de depoimentos, a importância particular que os foliões e a comunidade encontram no festejo. Da mesma maneira que o presente trabalho, a pesquisadora também procurou registrar a manifestação para fins de salvaguarda.

Como resultado, percebeu que a festa se apresenta como um fato social que se constitui como um poderoso meio de manutenção das práticas culturais ancestrais, assim como se prestam a preservar viva a memória das origens da comunidade.

Os devotos de Santos Reis utilizam essa manifestação não só como meio da expressão de sua fé, mas também para demonstrar sua responsabilidade como atores na preservação de uma identidade própria, expressa através da recriação constante de seus elementos rituais. É expressão de fé, mas também expressão da capacidade criativa dos diferentes mantenedores (foliões e demais membros da comunidade) (LOURENÇO, 2014, p. 103).

A autora ainda destaca a importância da manifestação cultural e a necessidade de implantação de políticas públicas que favoreçam e deem visibilidade a esse tipo de bem imaterial.

1.1 Referencial Teórico

Segundo Lourenço “A Folia de Reis é uma festa popular presente em várias regiões do Brasil desde a época da colonização, com variações regionais e

transformando-se através dos tempos” (2014, p. 7). Ou seja, uma festa popular com modificações de acordo com as regiões, porém com o mesmo objetivo. A pesquisadora afirma que “essa manifestação cultural traz em seu seio as várias características do povo Brasileiro, expressas em seus diversos símbolos e nas relações entre devotos-foliões e comunidade”. Desta forma a Folia, através dos participantes e seus símbolos, é um mecanismo para realizar o resgate cultural e o fortalecimento das tradições populares nas comunidades.

A Folia, como manifestação cultural na comunidade Quilombola do Mimoso vem sendo feita há muito tempo, com o objetivo manter a tradição religiosa e fortalecer a cultura. Ela é desenvolvida por membros mais velhos ou então por quem faz uma promessa, se inicia no dia primeiro de janeiro e encerra no dia 6 do mesmo mês. No ciclo que dura seis dias, os foliões passam por todas as casas do povoado fazendo o seu giro e utilizando instrumentos sonoros como: Viola, Violão Pandeiros e Caixa. Quando os foliões passam nas casas eles entoam os cantos tradicionais e também as músicas de autoria própria, no sexto dia faz-se o encerramento que é chamado de “Arremato” e depois é realizada uma festa aberta a toda a comunidade.

Estas são situações que essa pesquisa se propôs estudar por meio de processos que se aproximam da etnografia, que segundo Bresler (2006, p. 84) são produzidas a partir de uma investigação antropológica e na intenção de examinar as práticas e comportamentos de um grupo. Desta forma, para desenvolver o estudo o pesquisador deve permanecer no campo durante um longo período de tempo, observando, entrevistando e participando dos eventos culturais pois “a necessidade de investigar em detalhe diversas facetas de uma cultura, requer, por parte do investigador, uma permanência prolongada no campo” (ibidem).

O processo também aproxima-se da etnomusicologia, campo da música que tem raízes colocadas tanto na musicologia como na antropologia cultural. Desta forma, essa ciência pretende compreender a música dentro do contexto do comportamento humano. O pesquisador possui interesse em diversas questões referentes ao uso e à função da música, ao papel e ao status do músico e temas adjacentes.

A etnomusicologia proporciona um importante modelo para as etnografias dentro da pesquisa em educação musical, área esta em que os temas estarão mais concentrados no ensino e na transmissão dos saberes musicais.

O professor Fred Dantas (2018), realizou um trabalho deste tipo, quando estudou as práticas musicais de dois grupos de Folias de Reis na região do sudoeste baiano, o texto *Santo Reis de Bumba: praxe pedagógica e organologia*, apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado sobre o tema e serve como uma das referências teóricas para a investigação em questão, fornecendo os pontos iniciais do trabalho desenvolvido dentro da etnomusicologia e também da organologia musical (estudo da origem, descrição e classificação dos instrumentos musicais), trazendo autores de referência para as duas áreas como Eric Hornbostel e Curt Sachs (1961), e sua classificação dos instrumentos; Alan Merriam (1964), que fala, entre outras coisas, do nosso comportamento em relação à música, das maneiras pelas quais ela é usada na sociedade e quais são as suas funções em diferentes contextos, inclusive nos rituais religiosos, com a utilização de músicas que exprimem esses preceitos, como é o caso da folia. Traz, também, a discussão sobre Bruno Nettl (1964), que em seus estudos sugere que, para entendermos a música de outros povos, devemos tentar entrar no seu ambiente, para ouvi-la a partir de sua vivência, isto é não se deve comparar qualitativamente melodias e instrumentos, mas sim tentar compreender o que a música significa para os outros povos no contexto da sua própria cultura.

CAPÍTULO 2 — METODOLOGIA

A proposta aproxima-se das estruturas do paradigma qualitativo, ou interpretativo, Coutinho citando Guba (1990)¹ diz que este paradigma:

Adota uma posição relativista – há múltiplas realidades que existem sob a forma de construções mentais social e experiencialmente localizadas —, inspira-se numa epistemologia subjetivista que valoriza o papel do investigador/ construtor do conhecimento [...]. De uma forma sintética pode afirmar-se que este paradigma pretende substituir as noções científicas de explicação, previsão e controle pelas de compreensão, significado e ação (COUTINHO, 2013, p. 17).

O trabalho também aproxima-se dos estudos etnográficos, que, segundo Coutinho (2013, p. 347), pressupõe que o investigador atue de maneira a examinar padrões de comportamento, costumes e modos de vida de um determinado grupo de pessoas. Alguns pressupostos apresentados pela autora podem ser contemplados: a) os significados culturais do grupo são cruciais para a compreensão das ações; b) o grupo é estudado no contexto natural, e o investigador insere-se nesse mesmo contexto; c) a recolha de dados pode processar-se de múltiplas formas, sem restrições, embora o trabalho de campo seja sempre uma constante; d) o foco é compreender uma parte da cultura de um determinado núcleo populacional desde uma perspectiva êmica (de dentro) e ética (de fora).

Com base nas proposições da autora e seguindo a trajetória dos procedimentos, o trabalho desenvolveu-se em duas etapas:

a) Primeiramente foi feito um breve histórico sobre a origem da Folia de Reis, que tradicionalmente é realizada entre dezembro e janeiro e que, ainda hoje, vive processos de reconstrução a partir dos contextos e das comunidades nas quais está inserida. Esse levantamento assemelhou-se a uma revisão da bibliografia e teve a finalidade de dar base teórica para o trabalho.

b) Posteriormente, nos meses de dezembro de 2018 e janeiro de 2019, foram realizadas as observações, no terreno, acompanhando o giro da folia, e as entrevistas semiestruturadas com foliões e organizadores, com a finalidade de registrar o festejo. Para isso, foram utilizadas anotações de campo e registros de áudio e vídeo.

O vídeo tem uma função óbvia de registro de dados sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e difícil de ser descrito

¹ Guba, E. **The paradigm dialog**. Newbury Park, CA: SAGE, 1990.

compreensivamente por um único observador, enquanto ele se desenrola. Qualquer ritual religioso, ou um cerimonial ao vivo pode ser candidato (LOIZOS, 2017, p. 149).

O objetivo geral do trabalho teve como meta: registrar, estudar e descrever as práticas musicais e culturais da Folia de Reis da região do Mimoso em Arraias (TO).

Enquanto os objetivos específicos buscaram: a) conhecer a história da festa e identificar as pessoas que mantém a tradição viva; b) fazer um levantamento das músicas utilizadas na Folia de Reis neste local; c) compreender e analisar a relevância desta festividade para a cultura local; d) compreender como são construídos e utilizados os instrumentos musicais dentro destas práticas.

É importante salientar que alguns cuidados foram tomados para que o registro em áudio e vídeo não prejudicasse o resultado da pesquisa, especialmente no que concerne à intromissão no festejo. Como o pesquisador faz parte da comunidade e é familiar de muitos dos foliões, esse problema foi minimizado.

2.1 Procedimentos

2.1.1 Observação estruturada

Um dos instrumentos de coleta de dados utilizado foi a observação. No caso em questão a opção foi pela observação estruturada, pois o pesquisador não tomava parte ativamente do processo, mas “conhece bem o contexto em que vai operar e conhece também os aspectos que deverão chamar sua atenção no comportamento das pessoas” (LAVILLE; DIONE, 2007, p. 177). O pesquisador foi a campo com uma guia de observação que orientou esse processo, nesse caso, foi possível compreender a constituição do grupo, os cantos, a constituição dos instrumentos, os perfis dos participantes e sua relação com o contexto comunitário. As observações aconteceram durante todo o giro da folia. Desde o início até o momento final do arremato.

2.1.2 – Entrevista

As entrevistas aconteceram geralmente nas casas dos participantes da folia, num local tranquilo, onde elas foram gravadas com o auxílio de um aparelho celular. O objetivo principal era conhecer, por meio do depoimento dos participantes, a história da folia na comunidade do Mimoso. Como o indivíduo chega a participar do grupo? Que tipo de música é tocada? Como é possível ter acesso ao instrumento e

ao domínio da técnica de execução musical? Que tipo de interação o grupo tem com as pessoas da comunidade?

Embora existisse um guia para as entrevistas, elas se desenvolveram informalmente, como uma narrativa histórica, a partir das memórias dos colaboradores.

2.1.3 – Anotações de campo

Para registrar as observações feitas durante a folia utilizou-se um caderno para anotar os acontecimentos, onde foi registrado as descrições dos locais, da vestimenta dos foliões, os comportamentos, o número de casas visitadas, e tudo que era pertinente ao contexto. Esse registro era feito no ato dos acontecimentos.

2.1.3.1 – Fotografia

É importante ressaltar que as fotografias que integram o texto são empregadas como dados primários, informações visuais (LOIZOS, 2017) e nesse trabalho são dados importantes para ilustrar a descrição de forma “densa” conforme proposto por Clifford Geertz (1978) procurando proporcionar ao leitor a compreensão das ações, situações e contextos observados durante o giro da folia. Ou seja, olhar pelos meus olhos.

2.2 Colaboradores na entrevista

O primeiro entrevistado foi Sr. Rainor Marques de Souza, de 46 anos de idade, ele é caixeiro na Folia de Reis e além de tocar caixa, sabe cantar rodas e batucadas. O segundo entrevistado foi o Sr. Aristeu dos Santos Rosa, de 72 anos, é folião dessa companhia e sua função na folia era tocador de pandeiro e também ajudava nos cantos. O terceiro entrevistado foi o Sr. Célis Izídio Macedo, de 45 anos, ele é um dos violeiros da companhia, e além de tocar violão, ele também toca, pandeiro e caixa.

CAPÍTULO 3 — ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Descrição dos locais estudados

Partindo da cidade de Arraias, seguindo em direção a Campos Belos (GO), pela rodovia TO-50, após percorrer 3 km há uma saída à direita, para uma estrada de chão. Assim que entra na estrada de chão chega-se numa ponte de laje, continuando reto na estrada chega-se numa fazenda que tem o nome de Beleza, mantém-se na estrada à direita e chegamos numa ponte de madeira. Após a ponte andamos mais 25 km e chegamos no Riachão, um córrego onde tem uma ponte de laje de cimento. Passando o Riachão, anda-se mais 4 quilômetros e encontramos a entrada para a comunidade Ponta da Serra, após essa entrada seguimos mais 10 km e passamos pela entrada da fazenda Araçatuba, neste local existe uma lagoa do lado da estrada, anda-se mais um pouco e encontramos o Gentil, um local onde mora a Dona Domiciana, uma senhora que atende os viajantes na sua própria casa, onde ela faz e vende, biscoitos, café e doces caseiros. Nesse local existe também um colégio abandonado que já não funciona há muito tempo.

Fotografia 1 - Ponte de laje de cimento na estrada de acesso ao Território do Mimoso



Fonte: o autor

Seguindo em frente, andando aproximadamente mais 15 km chegamos na Fazenda Pindobera, que fica perto da maior serra que se encontra na estrada, saindo dessa fazenda passamos por um mata-burro (que é um buraco que se faz na estrada e constrói-se uma ponte de madeira com vãos, esta construção é um recurso para impedir a fuga ou a entrada de animais, sem a necessidade de colocar porteira). Andando mais 13 km chegamos na Fazenda São Salvador, logo em seguida tem uma ponte de laje e uma bifurcação: para o lado direito a estrada segue para um lugar chamado Belém, este local fica próximo ao Rio Porcos, anda-se mais uns 4 km e chega-se na Fazenda Santa Maria, local que possui um curral de madeira ao lado da casa sede, de alvenaria, após a fazenda encontramos uma cancela de madeira e chegamos num local chamado Beira Rio, que fica perto do Rio Porcos.

Fotografia 2 - Estrada de acesso ao Território do Mimoso na região da escola Beira Rio



Fonte: o autor

No Beira Rio mora o Sr. Pedro um professor aposentado, apelidado de Pedro Professor, ele foi um dos primeiros professores da região, sua casa é feita de pau a pique e na frente dela há uma escola que recebe alunos de toda a região, especialmente os de Belém e de Matas. Do lado direito da escola há uma estrada que leva ao Povoado Matas. A partir daí a distância do Mimoso é de 20 quilômetros, saindo do Beira Rio anda-se cerca de 7 km e encontramos, do lado direito da estrada a casa do Sr. Francisco, também construída de pau a pique, nesta casa está instalada uma das máquinas de limpar arroz, que a comunidade recebeu do Governo Federal para uso dos moradores. Em seguida encontramos outra casa de pau a pique, a casa do Sr. Imá, esta residência possui telhado coberto por palha de coqueiro e as laterais cobertas por palha de buritis. Andando mais 800 metros, chega-se num córrego, chamado Pintado, seguindo a estrada à esquerda encontramos a casa do Sr. Mauro, construída há pouco tempo e feita de alvenaria pelo Programa Minha casa minha vida. Uma das primeiras casas a ser construída por este programa do governo, esta residência possui uma caixa d'água com capacidade de 25 mil litros, além disso possui abastecimento de água recebida por força de gravidade.

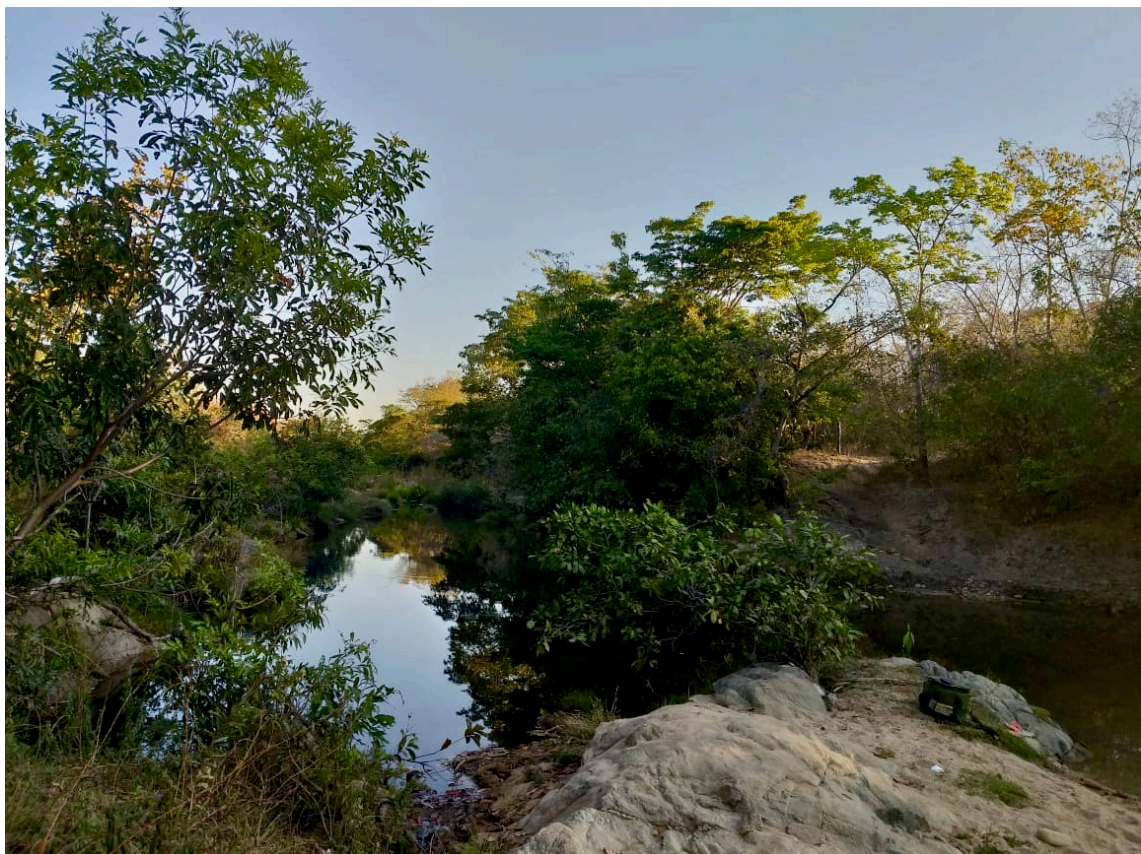
Após a casa do Sr. Mauro, passa dois bueiros e uma ponte de laje e após o Rio Canabrava encontramos, do lado direito, a casa do Sr. Manoel, com telhado feito de telhas de cerâmica e piso grosso, porém essa casa encontra-se abandonada. Após essa casa, caminhando mais 1 km encontramos a estrada que vai para as fazendas Oco e Matão e logo em frente a fazenda do Sr. Tácio, na beira do Canabrava, a casa da fazenda também é de alvenaria. Depois de 1,5 quilômetro chegamos no que é considerado, pelos moradores locais, de Mimoso.

No Mimoso existe a Escola Estadual Nossa Senhora da Conceição, que recebe os alunos do distrito até a beira do Rio Paranã, bem pertinho desta escola tem o Rio Tamborio, afluente do Canabrava.

Atualmente essa escola possui 4 salas, uma para os professores, duas salas de aula e uma utilizada como refeitório. As águas do Rio Tamborio abastecem a escola. A partir daí, do ponto considerado Mimoso até a beira do Rio Paranã existem aproximadamente 30 casas, sendo que 80% delas são construídas de pau a pique, com piso de chão batido, algumas utilizam adobe e cobertura de tabocas amarradas com cipó, nestas construções também são utilizados pregos grandes para prender os caibros (*caibres* como são chamados pelos locais) e também as vigotas (*virgota*),

no geral as madeiras são roliças, tiradas das matas pelos próprios moradores ou construtores, para levantar as paredes são utilizadas pedras para os alicerces e para fixar os tijolos de adobe utiliza-se uma massa de uma terra *mais barrosa*. É importante ressaltar que, atualmente, todas essas casas possuem energia elétrica. É também necessário observar que a comunidade utiliza-se da natureza de uma forma sustentável, retirando dela os materiais necessários para a sua sobrevivência. Na época do plantio utilizam pequenas áreas para fazer suas roças de toco, fazem pequenos pastos para manter sua criação de gado, que na maioria das vezes ficam soltos. Sendo assim, os moradores não comprometem o equilíbrio do ecossistema.

Fotografia 3 - Rio Canabrava, fonte de abastecimento de água da Comunidade do Mimoso

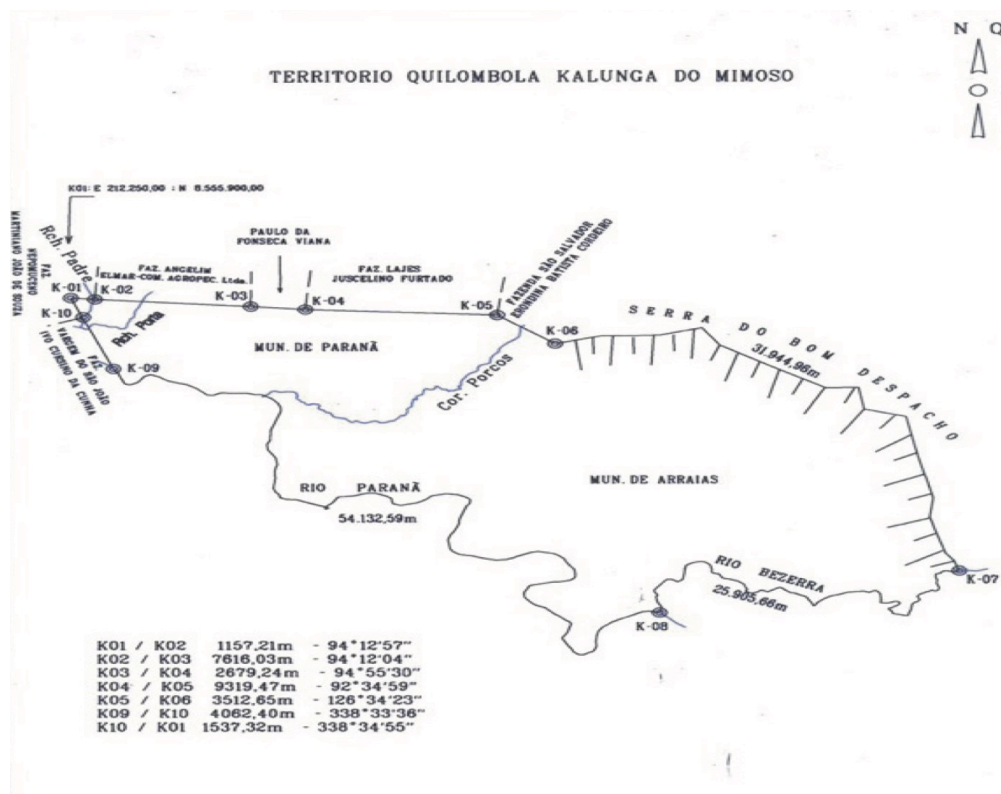


Fonte: o autor

Como já foi dito, é a partir da Escola Nossa Senhora da Conceição que se considera o início da comunidade Kalunga do Mimoso. A maioria das casas fica ao lado direito da estrada que vai até a beira do Rio Paranã, após a escola, bem próximo à igreja existem duas casas de adobe e cobertura de palha, ali também está construída a feira, local onde acontece a festa de entrega da Folia de Reis. Entre a

igreja e a feira tem um pequeno mercado que vende os itens básicos para a comunidade, em frente a esse mercado existe um campo de futebol. A igreja fica do lado direito da estrada e a feira fica do lado esquerdo, depois da feira tem o córrego que se chama Mimoso, perto dele existem nove casas que ficam bem pertinho umas das outras, numa distância de aproximadamente 300 metros cada uma. Na estrada que dá acesso a essas casas cabe um carro pequeno. As outras casas do povoado estão numa distância entre 3 e 7 km.

Fotografia 4 - Mapeamento do Território Kalunga do Mimoso, onde é possível observar a divisão do território entre os municípios de Arraias e Paranã. A distância de Arraias até o Mimoso é de 120 km e do centro do Mimoso até a beira do Rio Paranã é de 10 Km



Fonte: Cartilha APA - TO, 2012, p. 10

Todos os moradores que residem após a escola utilizam a água do Rio Canabrava (água doce), pois o rio passa perto de suas casas. Essa água é recolhida e armazenada em baldes, bujões de 20 litros e potes, os moradores a utilizam tanto para beber como para cozinhar. Sendo que as roupas são lavadas na beira do rio.

A maioria dos moradores da comunidade Kalunga do Mimoso possuem animais de criação: vacas, porcos e galinhas e plantam alimentos como arroz, feijão, abóbora, milho, mandioca entre outros, configurando uma agricultura de

subsistência. Quando a colheita é grande o excedente é comercializado, com esse dinheiro os moradores conseguem comprar outros produtos que não são produzidos no local.

A foto a seguir foi tirada do mini mercado da povoação, pode-se ver à frente a feira, onde é realizada a festa que acontece após a entrega da Folia. Na feira é que é cantado o Bendito, a súaia, as rodas, a batucada, quando a folia começa o giro. É nesse local que são servidas as comidas e também acontece a festa depois da entrega, pode-se ver ao seu redor os barracos feitos de palha ou lona, que servem para abrigar as pessoas após a festa.

Fotografia 5 - Feira, foto tirada do minimercado



Fonte: o autor

3.2 Resultado das observações

3.2.1 – O sistema de classificação e classificação dos instrumentos musicais.

Para o trabalho em questão, foi utilizado o sistema Hornbostel-Sachs de classificação de instrumentos musicais. Esse sistema foi concebido por Erich von Hornbostel e Curt Sachs em 1914; posteriormente, uma revisão foi publicada no

Jornal da Galpin Society em 1961, e é essa a versão utilizada neste trabalho e citada nas referências. Esta é a classificação padrão dos atuais trabalhos de etnomusicologia e é baseada no sistema de classificação decimal utilizada para bibliotecas. Neste sistema existem quatro grandes classes:

1. Aerofones – som é produzido pela vibração de uma massa de ar originada no (ou pelo) instrumento, podem ser livres, quando o ar que vibra não é contido pelo instrumento (como um apito) ou instrumento de sopro propriamente dito (onde a coluna de ar fica contida pelo próprio instrumento), por exemplo flauta ou clarinete;
2. Cordofones – Som produzido pela vibração de uma corda tensionada, podem ser simples (geralmente utilizando uma corda) e que não possuem caixa de ressonância, ou compostos instrumentos que possuem uma caixa de ressonância, por exemplo o violão.
3. Idiofones – Som produzido pelo próprio corpo do instrumento, feito de materiais elásticos naturalmente sonoros, sem estarem submetidos a tensão, podem ser percutidos (agogô), beliscados (berimbau de boca), friccionados (serrote) ou vibrados por meio do ar (sinos de vento).
4. Membranofones – Som produzido por uma membrana esticada, por exemplo os tambores.
- 5 – Electrofones (categoria criada a posteriori) – Som produzido a partir de uma variação de intensidade de um campo eletromagnético.²

Os instrumentos utilizados na Folia de Reis da comunidade quilombola do Mimoso são: Pandeiro, Viola ou Violão e Caixa, que também é conhecida como Tambor. A maioria desses instrumentos é produzida artesanalmente pelos membros da comunidade, com a preponderância de utilização de materiais retirados da própria natureza. A classificação dos instrumentos utilizados na Folia seguirá o sistema indicado anteriormente e cada um deles será analisado individualmente a seguir.

3.2.2 A Caixa

A caixa tem uma grande importância na Folia, pois é ela que marca o padrão rítmico das músicas. A caixa de folia, é um tambor feito de madeira e couro, que pode ser de boi, de veado ou de outro animal. Esse couro deve ser esticado por

² Henrique, Luís; *Instrumentos Musicais*; Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa, páginas 15 e 16.

meio de cordas. Uma corda maior é utilizada para pendurar a caixa no ombro do caixeiro, com o propósito de facilitar a execução do instrumento até mesmo quando o músico está montado no cavalo, durante o processo de visitação às casas, especialmente as da zona rural.

Na foto 6 é possível ver o detalhe dos couros utilizados para ajustar a afinação da caixa, pois, para manter a caixa afinada são colocados pedaços de couro nas cordas ao redor da caixa. Quando deseja ajustar a afinação, o caixeiro bate de cima para baixo no couro com a baqueta; dessa forma abaixa o couro e estica a corda. Um detalhe importante é uma corda fina (chamada de açoitadeira) que é colocada na parte de baixo do instrumento, no couro do fundo. Assim, quando a caixa é tocada, há uma pequena vibração, devido ao contato da corda com o couro, criando o som característico do instrumento.

Fotografia 6 - Caixa de folia



Fonte: o autor

Para sua execução são utilizadas duas baquetas feitas de madeira, como é possível observar na figura nº 7 a seguir.

A partir da tabela de classificação, o instrumento é caracterizado como um membranofone percutido diretamente com bastões (211), com o corpo em forma de cilindro e diâmetro entre centro e extremidades com igual dimensão. A tabela ainda considera o instrumento como de membrana única, pois embora ele seja fechado com uma pele no fundo, esta nunca é percutida (211.211.2). Como ele tem a tensão regulada por um sistema duplo de cordas, ainda recebe mais três números: 211.211.2-814. É importante notar ainda que a borda do instrumento é elevada e, por muitas vezes, é essa borda que é percutida, e não a membrana do instrumento.

Fotografia 7 - Caixa de folia, com duas baquetas e tecido que tem a finalidade de abafar e regular o volume do instrumento



Fonte: o autor

A caixa é cortado um pau ocado, corta no tamanho, e pule ela pro dentro, que ela fica bem lizinha por dentro, ai agora fais um arquinho ruliço de pau e coloca o coro, do mesmo jeito do pandero e ponhoi as arças e puxa, fais o cambito de aruera que for e ponhoi açoitadeira. (O que é açoitadeira?) Açoitadeira pode ser corda de viola e pode ser um cordão com uma pena de galinha. (Para que ela serve?) O quê? (Açoitadeira!) Açoitadeira pra dá som na caixa, pra afinar a caixa (Depoimento Sr. Aristeu Rosa).

A caixa usada na folia de Reis na Comunidade Quilombola do Mimoso, é considerada de tamanho grande e foi produzida por um membro da comunidade. O couro utilizado é de veado campeiro (campeira)³, animal que segundo as informações tem a pele adequada e ideal para a construção da sonoridade do instrumento. O arco da borda é feito de pequi.

A caixa é de madeira, aí é feita de piqui, aí fais u bocal dela é igual pandeiro, fais o arco, o coro de campera rapa aí se faz um arrojamento dela de corda, fura, bota umas alças e arrocha e bota a açoitadera, bota uma pena. (E a açoitadera é o quê?) Um cordão torcido pa da um som (Depoimento Sr. Rainor Marques).

Para o folião tocar, é preciso que a caixa esteja dependurada no ombro do lado esquerdo, e assim ele pode usar as duas mãos para segurar as baquetas e tocar o instrumento. Na parte de cima da caixa é colocado um pano de tecido fino, servindo de proteção e também para abaixar o som da caixa (veja foto n.º 7). Como afirma o Sr. Rainor, membro da comunidade quilombola do Mimoso:

Aquele ali é pra dá o som mais baixo, na hora que está fazendo o canto, o bendito, aí quando tá andando a fulia aí tira o pano pá da u som, a evem fulia tá lá longe tá dano sinal pros morador que a folia já evem (Depoimento do Sr. Rainor Marques).

³ É necessário esclarecer que o presente trabalho não incentiva nem pretende incentivar a prática ilegal de caça. O registro da construção artesanal do instrumento é o que se apresentou e o que foi relatado ao pesquisador. A prática da caça de subsistência mesmo nas reservas quilombolas é considerada ilegal, ainda que a caça de subsistência seja mencionada e até certo ponto regulamentada em diversos documentos legais como o artigo 37 da Lei de Crimes ambientais (9605/98) que prevê algumas possibilidades de abate de animais, incluindo a necessidade de saciar a fome do agente ou de sua família, ou a proteção de lavouras, pomares e/ou rebanhos. A caça de subsistência também é mencionada no Estatuto do Desarmamento (art. 6º inciso 5º): “aos residentes de áreas rurais, maiores de vinte e cinco anos que comprovem depender do emprego de arma de fogo para prover sua subsistência alimentar familiar”. Finalmente é importante notar que o pesquisador não questionou a data em que essa provável caça ou coleta de peles foi feita e nem quem a realizou, especialmente porque não é o foco da pesquisa e porque existe a questão ética de anonimato e isenção inerente a uma coleta de dados étnica realizada nessas circunstâncias.

Foto 8: Caixaeiro Sr. Rainor Marques



Fonte: o autor

3.2.3 O Pandeiro

Outro membranofone utilizado na festa é o pandeiro, instrumento percussivo que também tem como função a marcação de um padrão rítmico. O instrumento é construído com couro de animais da região, e normalmente há uma variação nas peles utilizadas, dependendo da disponibilidade de caça em cada região. O instrumento utilizado na Folia de Reis no Mimoso é construído artesanalmente por membros da comunidade. Para sua fabricação, é utilizado o couro de catingueiro (veado catingueiro) como afirma o senhor Rainor Marques: “O pandeiro é de coro de

catingueiro”. Para se fazer o arco onde o couro é fixado, é utilizada uma madeira flexível; são feitos pequenos buracos para colocar uma espécie de chocalho, confeccionado de pilhas ou de tampas de garrafas e que tem, na região, o nome de “chengo”. Em cada um desses buracos são colocadas de duas a quatro plaquetas de metal, e, quando o instrumento é tocado, essas plaquetas emitem um som agudo.

A afinação do instrumento é feita a partir do aquecimento da pele. Durante o dia ele pode ser colocado para receber os raios solares; à noite, ele é aquecido no fogo; assim, o couro aquecido fica duro e alcança a afinação desejada pelos foliões.

Fotografia 9 - Pandeiro, parte posterior



Fonte: o autor

O pandero lavra um pau, tem uns pau que sempre inrola, lavra ele e inrola ele, fais o arco, marra e aí pega o coro i puxa, í prega com chuliadera, i coloca o chengo. (Qual o couro que vocês utilizam para fazer o pandeiro?) Ua, antigamente era coro de cutia i catingueiro, coro de cutia também não tá nem ranjando mais, tá fazendo mais de couro de catinguero. (E o chengo, como é que é feito?) O chengo é qualquer um flande, até tampa de garrafa, fazia chengo (Depoimento Sr. Aristeu Rosa).

Dentro da tabela de classificação de instrumentos, ele pode ser nomeado como tambor misto, pois recebeu o acréscimo de chocalhos; sua numeração sugerida seria 211.311.

Chengo é aquele pra da o instrumento no pandero pra da aquele barui no pandero [...]. O chengo é di primero aquela tampa de garrafa chora-rita outra hora é nica, fura aquela nica de dinheiro né, aí fais o instrumento (Depoimento Sr. Rainor Marques).

Fotografia 10 - Pandeiro — parte lateral, borda, onde se pode ver no detalhe os chengos



Fonte: o autor

A execução do instrumento é feita com as duas mãos; uma deve segurar o instrumento, e a outra faz a percussão. O sutil detalhe é que a mão que segura o instrumento também tem participação na sonoridade obtida, pois muitas vezes essa mão agita o instrumento enquanto a outra realiza a percussão. Há outras sutilezas na execução, como, por exemplo, quando o pandeirista quer o som contínuo dos chengos e desliza a ponta dos dedos pela borda do instrumento — toque específico de canto de pedir esmola.

3.2.4 O Violão

Instrumento de cordas, composto de caixa harmônica (tampo, fundo e laterais), braço, tarraxas, pestana, trastes, cordas, rastilho e cavalete. É produzido com madeiras de diversos tipos, de acordo com a necessidade de cada parte do violão e da disponibilidade das madeiras disponíveis no local ou no mercado, no entanto é necessário observar que esse instrumento não é construído na comunidade.

Ele pode ser classificado como Cordofone Composto (32), pois trata-se de um suporte para as cordas e um ressonador que são organicamente unidos e inseparáveis (sem destruir o instrumento). É considerado um similar ao alaúde: 3.2.1. Possui ressonador (caixa harmônica) em forma de oito, sendo a produção do som feita por meio da percussão das cordas estendidas paralelamente ao braço. Sua classificação na tabela é 321.322.

Na folia de Reis da Comunidade Quilombola do Mimoso, é utilizado um violão de tamanho médio, que possui seis cordas de aço; ele é afinado como uma viola caipira. Na verdade, a viola é que deveria ser o instrumento tradicionalmente utilizado, mas, na falta desse instrumento, utiliza-se o violão, que é mais comum. A função do instrumento é dar base harmônica e rítmica para as músicas tocadas pelos foliões, e os acordes mais utilizados são Lá, Ré e Mi maiores, ou seja, os acordes principais da tonalidade de Lá maior.

O aprendizado do músico (violeiro) dessa companhia, foi realizado por meio da tradição familiar, sendo que ele aprendeu com o pai, como o próprio entrevistado afirma:

Eu aprendi tocar mesmo assim pelo dom meu, mais só que meu pai ensinou só o sol, meu pai ensinou o sol. Aí pela minha inteligência, eu peguei as outras notas (Depoimento Sr. Celis Macedo).

É importante notar que esta forma de transmissão de conhecimento, aproxima-se das bases do etnoconhecimento, ou seja, a transmissão do conhecimento pelas experiências de vida ou pelas experiências vividas.

Fotografia 11 - “Violeiro” com violão — Sr. Ernesto



Fonte: o autor

3.2.5 A Bandeira

Embora constitua-se como um simples pedaço de pano, no qual é bordada uma imagem, a bandeira da Folia é o maior símbolo de fé da festa. Nesse período de peregrinação, ela é carregada pelos foliões de maneira que fique sempre direcionada para a direita, e é venerada e reverenciada por todas as pessoas que participam das atividades.

De acordo com Dantas (2018, p. 142-143) a bandeira é um elemento de grande importância na folia, ela carrega o símbolo dos Reis Magos e é adorada pelos devotos. Este tecido é enfeitado com fitas e ponteia a companhia, conduzida pelo alferes (arfe-lo).

A bandeira é o símbolo do Reis, que vai à frente do cortejo. Fisicamente, é apenas um pedaço de tecido com o nome do conjunto, adornada com figuras de santos, como a imagem de São José ou da Família Sagrada, destacada com uma moldura de papel laminado, mas assim como também ocorre em manifestações étnicas e religiosas como o Divino, o Moçambique e o Congado, a importância simbólica da bandeira para o Reis é enorme (DANTAS, 2018, p. 142).

Fotografia 12 - Bandeira da Folia do Mimoso



Fonte: o autor

A bandeira é sempre levada à frente do cortejo. Tendo sempre uma pessoa responsável (geralmente o arfe-lo ou alferes) para carregá-la e apresentá-la ao morador da casa. Nesse momento, ao ser convidada para ingressar na casa, cabe ao mestre, também chamado de embaixador ou guia, que é o integrante responsável pelos versos de improviso (as embaixadas), coordenar a saudação dos foliões à família que os recebe, sendo acompanhado pelos demais cantores.

Fotografia 13: Arfe-lo (Alferes) Sr. Jovecílio carregando a bandeira da Folia do Mimoso



Fonte: o autor

Ao chegar em uma casa, o arfe-lo faz a “venda”, e todos ali beijam e adoram a bandeira. Depois disso ela é entregue ao dono da casa para que ele a transporte para dentro da sua residência. A bandeira visita e abençoa todos os cômodos e pessoas presentes no ambiente; depois disso, ela é guardada pelo senhor da casa, geralmente sendo colocada no quarto, por cima da cabeceira da cama do dono da casa; nesse local, ela permanece até o término dos cantos. Quando os foliões estão prontos para seguir o giro, o dono da casa recolhe a bandeira, faz a venda e depois entrega-a para o arfe-lo para que ele possa fazer a venda final. Nesse momento todos se ajoelham e beijam a bandeira; esse também é o momento do pagamento das promessas, muitas vezes o dinheiro prometido em promessa é amarrado nas fitas da bandeira, nesse caso, as notas devem permanecer neste local até o final do giro desta noite.

A bandeira utilizada na Folia de Reis da comunidade Quilombola do Mimoso, é feita com um pedaço de pano branco. Na sua parte superior, é colocada uma madeira que permite que o bandeireiro possa carregá-la. No centro dela, é colocada uma imagem representando o momento da visita dos Reis Magos ao Menino Jesus e à Virgem Maria. São colocadas fitas coloridas, com largura de padrão igual; apenas uma delas, que é colocada no centro, é mais larga. Cada fita tem um significado: a cor branca simboliza Jesus Cristo; a vermelha representa o incenso entregue pelo Rei Gaspar; a amarela simboliza o ouro dado pelo Rei Belchior; a verde representa a mirra entregue pelo Rei Baltazar; e a dourada representa a proteção para os foliões durante todo o percurso da folia.

Na foto anterior, a pessoa que carrega a bandeira é o Sr. Jovecílio, o encarregado da festa e o responsável por carregar a bandeira e receber o dinheiro das oferendas. Estes valores serão empregados na realização da festa de arremato e na manutenção da igreja da povoação durante todo o ano. Note-se que o alferes usa uma indumentária diferenciada composta por calça, paletó, camisa, gravata e botina, além disso usa, por sobre a calça, uma outra calça de couro destinada a protegê-lo dos espinhos e galhos do cerrado.

A partir de uma entrevista realizada com o Sr. Aristeu, um dos membros organizadores da Folia de Reis do Mimoso, nos foi relatado o processo de criação da bandeira utilizada na folia. Inicialmente ela é produzida na cidade, onde recebe a benção do padre da paróquia e em seguida o processo é finalizado com os adereços

que a complementarão, como as fitas e o mastro, desta forma a bandeira estará pronta para a devoção dos fiéis:

A bandera é mandada pintar na cidade, batizar e trazer aí pá soltar a folia, vem só a bandera, aí de cá ponhoi o mastro, um pauzinho ou então, aí tem o local de enfiar o pau que é o mastro que agente trata (Depoimento do Sr. Aristeu Rosa).

Dessa forma, foi possível perceber que, na Comunidade do Mimoso, a relação de devoção pela bandeira apresenta uma forte ligação com o sagrado. Existe um apego sincero por ela e esta devoção apresenta e reforça os valores culturais, simbólicos e religiosos. Um dos exemplos disso, acontece quando os foliões estão cantando dentro ou fora da casa, e há o momento da benção, quando os devotos ficam ajoelhados, com a bandeira sob a cabeça. É neste momento que eles demonstram e exercem sua fé.

3.2.6 O Altar

Fotografia 14 - Altar da Igreja de Santos Reis da Comunidade do Mimoso



Fonte: o autor

Na foto acima é possível ver o altar da Igreja da povoação. Construído com madeira é forrado por uma tolha verde e enfeitado com alguns jarros de flores, com velas e imagens representando a natividade: uma pequena casa de madeira, onde são colocadas imagens de gesso dos três Reis Magos com as oferendas, a imagem de Maria e do menino Jesus. Por cima do altar, fixado na parede, existe um suporte para o apoio da bandeira, que deve permanecer ali durante todo o ano e só é retirada em Janeiro, quando se inicia o giro. Este altar é um local de representação sagrada que traz a presença do nascimento de Jesus para a pequena igreja. Os devotos acreditam na presença do corpo de Cristo naquele local e por este motivo há grande devoção e cuidado com a composição. É na sua frente que os devotos se ajoelham e realizam suas orações, promessas e pedidos.

3.3 Análise das observações

As observações direcionadas à Folia de Reis permitiram que o pesquisador entrasse em contato direto com sua comunidade, o intuito foi registrar a festa, dialogar com seus participantes e contribuir para a salvaguarda desse patrimônio tão importante e frágil. Durante o ciclo da folia, as observações e as conversas com alguns festeiros permitiram que identificássemos alguns itens dignos de registro:

1. Atualmente o guia da folia é o Senhor Celino, ele tem 63 anos de idade e acompanha a folia desde há muito tempo. A partir do ano de 1994, ele passou a ser guia, antes era pandeiroiro e também ajudava a cantar os versos (músicas) na folia, como já possuía uma grande experiência acompanhando o giro, foi escolhido para ser guia.

2. A folia acontece a partir da organização da comunidade. Inicialmente há a escolha do encarregado; essa escolha é feita por meio de uma promessa ou por livre vontade; atualmente, o encarregado (Arfe-lo ou Alferes) é o Sr. Jovecílio. A essa pessoa cabe fazer os convites para a participação dos foliões, fazer o orçamento para a festa, marcar os pousos, verificar o estado de conservação dos instrumentos e a possível necessidade de manutenção dos mesmos, cuidar dos ensaios dos cantos e combinar com as mulheres (cozinheiras) o preparo das refeições para a festa do dia 6 (o arremate da folia). Caso não exista nenhuma pessoa que realizou promessa ou que se proponha, de livre vontade, a soltar a folia,

a comunidade se reúne e escolhe o encarregado daquele ano; nesse caso, toda a comunidade se compromete a auxiliar essa pessoa.

Do festero é assim, tem uns que é promessa, outros que, que mesmo quer fazer né, as vezes nem é promessa, que mesmo que fazer, só uma tradição mesmo, porque gosta também de soltar folia né, porque a folia é uma animação, né. (A folia, aonde que eles reúne ela pra poder sair?) Reuni lá no festejo. (De lá eles vão pra onde?) Reuni no festejo do Mimoso, aí vai girar nas casas (Depoimento do Sr. Celis Macedo).

3. Verificou-se que a folia conta com aproximadamente 10 foliões, que se revezavam pelo trajeto do giro. Esse revezamento acontece devido à grande extensão do percurso e à idade avançada dos participantes. Também foi verificado que todos os foliões que saem no primeiro dia, comparecem no encerramento.

4. Percebeu-se que não há uma vestimenta específica, com exceção do arfe-lo (alferes), que tem a função de carregar a bandeira durante todo o giro (por este motivo ele também pode ser conhecido como bandeireiro). Sua vestimenta constitui-se de calça social ou *jeans*, botina, palito (casaco largo com gola grande, também conhecido como *blazer*) e gravata. Os demais participantes fazem o giro com indumentária comum.

5. A idade dos participantes está entre 16 e 63 anos. um importante fato observado é que a continuidade da festa pode ser assegurada com a presença de participantes mais jovens, estas pessoas ainda não sabem todos os cânticos, mas já conhecem alguns versos, vão aprendendo pouco a pouco novas trovas, aprendem a tocar algum instrumento, cantam e participam nas rodas e batucadas.

6. Os instrumentos utilizados na folia são o pandeiro, a caixa e o violão (em substituição à viola). A caixa define a organização rítmica e anuncia a chegada dos festeiros ao longe, tanto na zona rural como nos pequenos aglomerados urbanos, enquanto o violão fornece o suporte harmônico ao canto.

7. Há diversos cantos e quase todos são repetidos em todas as visitas, no entanto existem algumas diferenças:

a) Para visitas comuns – Canto da chegada, que é o Canto de Santos Reis e o canto de pedido de esmola, incluído nos versos finais do canto de chegada. Rodas, batucadas e súa.

b) Para visitas a pousos – Canto de Santos Reis e o canto do agasalho, mais rodas, batucadas e súa. Após o almoço, eles cantam o bendito de mesa, cantos louvando

os proprietários da casa que os acolheram; e à tarde, antes de sair, cantam a despedida.

No pouso é o agazai é o canto do dono da casa e o bendito de mesa e a dispidida pra sair no outro dia. (E nas outras casas, quando é só pra visitar?) É só o canto, se tiver algum oferecimento de algum, de algum armoço pra algum fulião tem o canto é o bendito e a roda e só (Depoimento do Sr. Aristeu Rosa).

Observou-se que os cantos do “ofício” são sempre os mesmos, no entanto as batucadas, todas e súcia são diferentes.

(Nas casa, quantos canto são cantado?) Só um canto. (Esse canto pode deixar de cantar? Se chegar muito tarde pode deixar de cantar ou não pode?) Não, não pode, esse ai é o premente! Depois do canto vem a suça, pa pude pará, aí já vem a roda que é a brincadeira. (E a batucada, canta também?) Canta, canta também a batucada. (Mais é em toda casa?) Depende dono querer o dono da casa pidi (Depoimento do Sr. Rainor Marques).

Fotografia 15 - Súcia, cantorias e danças no dia da saída da folia



Fonte: o autor

8. Devido às longas distâncias que tem que cumprir, os festeiros utilizam cavalos e burros, eventualmente, quando a distância é menor, eles seguem a pé.

9. No dia 6 de janeiro, acontece o encerramento (fechamento ou arremato) da folia. A festa segue um processo que se inicia com a reunião dos festeiros em frente ao cruzeiro, local onde se começam a ser entoados os cantos. O cortejo cruza um arco e segue o cordão de São Francisco, que é um barbante de algodão enfeitado com bandeirolas e que liga o cruzeiro até o altar. Depois, o cortejo entra na igreja e é finalizado junto ao altar, onde se dá a entrega, que é o último canto do ciclo. Após esse canto os festeiros realizam uma oração.

primeiro eles lova o cruzeiro, depois eles passam pro altar, altar não! Pro arco, de do arco eles lova as bandeirinha vai pro altar, que é o canto de lá de dento, depois de lá de dento eles fais o canto pá o encarregado, depois eles lova a imagem que tá lá dento, aí vai cantar a dispidida pa pude terminar [...] O cruzeiro é o início do canto, aí eles tem que passar pelo cruzeiro pa modo ir pro altar, po arco pa depois po altar (Depoimento Sr. Aristeu Rosa).

Esse procedimento é bastante longo: cerca de 50 minutos apenas no canto de entrega. Todo o processo, incluindo a reza, demora aproximadamente 1h40, pois a cada instante eles param e entoam uma determinada parte do canto de entrega ou ainda entoam versos avulsos retirados de outros cantos.

3.4 O Relato – Pesquisa de campo

A observação teve início no dia 01 de janeiro de 2019 e se estendeu até o dia 6 de janeiro. Além da observação foi realizada uma coleta de dados por meio de fotografias, registro em vídeo e entrevistas com alguns participantes do festejo.

No primeiro dia de giro, todos os foliões se reuniram no local coberto denominado feira, afinaram seus instrumentos e logo em seguida lhes foi oferecida comida e bebidas. Depois de se alimentarem, todos eles foram para igreja, onde, para poder dar início ao giro, fizeram o canto de saída. Logo depois desse canto, voltaram para a feira. Nesse local, cantaram o bendito de mesa e em seguida, para alegrar os devotos, cantaram rodas e batucadas. Além disso, aconteceu o momento da súa com participação de muitas pessoas.

A folia teve início com 10 foliões: o arfe-lo, o violeiro, o guia, o caixeiro e seis pandeireiros. O cortejo é ponteadado pelo arfe-lo com a bandeira; logo atrás vem o violeiro, depois o guia da folia, que é o responsável por iniciar os cantos, já que o

canto só pode começar com a permissão do guia. Depois vêm os outros foliões que contribuem com a voz. Atrás de todos, segue o caixeiro, pois o som do seu instrumento tem volume muito grande.

No primeiro dia de giro foram visitadas seis casas, e na última (residência do Sr. Jura) aconteceu o pouso. O padrão da cantoria é o mesmo em todas as casas: canta-se o canto de chegada, que é conhecido como canto de Reis e também o agasalho (porque tratava-se de um pouso); no final do canto, o senhor Jura abriu a porta para que o terno se adentrasse. Dentro da casa, os foliões concluíram o canto, no final, foram apresentados os versos de pedir esmola.

Fotografia 16 - Súcia, cantorias e danças no dia da saída da folia



Fonte: o autor

Após a parte sacra da visita, aconteceu a súcia; em seguida o senhor Jura ofereceu bebidas para os festeiros, que depois de beberem, começaram a cantar a roda; na oportunidade, foi cantada apenas uma música de roda, pois como eles

havia visitado muitas casas nesse dia, demoraram para chegar no pouso, então já estavam cansados. Dessa forma, os cavalos e burros foram colocados para pastar e os foliões foram dormir.

Algumas horas depois, quando amanheceu, os foliões foram convidados para o café da manhã; na mesa havia bolo de arroz, pães caseiros, petas e enroladinhos, depois de satisfeitos, chegou o momento de contar causos, a conversa durou muito tempo, até às 11h30, quando foi servido o almoço, com arroz, feijão, macarrão e o famoso afogado, que é feito com partes menos nobres da carne bovina que são cortadas em cubos e cozidas lentamente em fogo baixo. Ao ficar pronta, a carne se desfaz e esse molho é misturado com farinha e servido com mandioca. Como bebida foi oferecido suco. Algumas horas após o almoço, aconteceu o bendito de mesa, canto em agradecimento pelo o alimento servido:

foi nas premeras palavras, foi nas premeras palavras, foi os anjo, foi os anjo quem me disseram, foi os anjo quem me disseram.

ohh naaa cabeçera da mesa, naaa cabeçera da mesa, faiz a venda, faiz a venda meu arfeli, faiz a venda meu arfeli.

Faiz a venda meu arfeli, faiz a venda meu arfeli, no começo, no começo do bendito, no começo do bendito.

Ohh faiz uma venda sincera, faiz uma venda sincera, pro cumeço, pro cumeço do ofino, pro cumeço do ofino, pro cumeço ofino, pro cumeço do ofino, quando o meu São Bento de condão, para a reza de condão, vamos agradecer a mesa, vamos agradecer a mesa.

Agradeça, agradeça aos fulião, agradeça aos fulião, oferença aos fulião, oferença aos fulião.

Todos que, todos que serviu da mesa, todos que serviu da mesa. E agora vamo rezar, e agora vamo rezar, benditu, benditu lovado seja, benditu lovado seja (Trecho do bendito de mesa, cantado na Folia do Mimoso - 2019).

Depois do bendito de mesa foram iniciadas as rodas e batucadas, ao cair da tarde, na hora de ir embora foi entoado o canto de despedida, realizado do lado de fora da casa. Nesse momento foi feita a venda, que é quando o arfe-lo, num gesto de fé, movimentava a bandeira abençoando todos que estão em frente dela. Esse movimento não pode ser cruzado, ele tem que ser iniciado pelo lado direito e deve seguir o sentido anti-horário, voltando no sentido horário. O gesto deve ser feito repetidas vezes e deve passar por sobre a cabeça dos devotos, que nesse momento estão ajoelhados perante o terno, que é um dos nomes pelos quais é conhecido o grupo de foliões, no entanto esse nome muda de acordo com a região, em alguns lugares são conhecidos apenas como Reisado ou Folia de Reis. Na comunidade

Quilombola do Mimoso, as pessoas mais idosas referem-se à Folia como “Terno de Reis”, e, segundo eles, essa nomenclatura é devido ao fato de os Reis Magos serem três. Depois do momento da venda, eles montaram em seus cavalos e prosseguiram com o giro.

Nesse segundo dia de giro, foram visitadas cinco casas, sendo que o padrão da visita continuou o mesmo, com o canto de Reis e logo em seguida a súcia, depois foi cantada uma roda e uma batucada. Os festeiros se limitaram a apenas uma música de cada estilo, devido ao tempo escasso para cada casa e à longa distância entre uma residência (visita) e outra. Desta forma continuaram o giro, chegando no pouso às 3 horas da madrugada. Nesse dia o pouso foi na casa do Sr. Francisco, quando a folia chegou apenas a família deste senhor estava presente, devido ao avançado da hora. A partir das 6h30 começaram a chegar os vizinhos, eles compartilharam o café da manhã, o almoço e também participaram das atividades de louvor aos Santos Reis. Após o almoço foram cantadas duas rodas, feita uma batucada e cantado o bendito de mesa, como a hora de iniciar o giro se aproximava os foliões mais jovens foram recolher os cavalos e burros e às 18h15 foi entoado o canto de despedida e o giro seguiu em frente.

Nesta terceira noite a chegada no pouso foi à 1h30 da madrugada, o pouso foi na residência do Sr. Roxão, neste pouso foi possível perceber um detalhe importante referente ao toque rítmico da caixa: quando está em giro o caixeiro tem um determinado toque, mais padronizado e neutro, quando chega próximo a uma casa a ser visitada ou a um pouso esse toque é modificado, acelerando e aumentando o volume, para que as pessoas percebam que o Terno está chegando. No entanto, quando chegam bem perto da residência a ser visitada a caixa para de tocar, assim como todos os outros instrumentos, pois é necessário que eles cheguem na frente da casa em pleno silêncio.

Só após chegarem em frente à casa e organizarem o posicionamento dos foliões é que tanto a caixa como os outros instrumentos começam a tocar⁴, ainda sem adentrar na casa do pouso foi feito o canto de agasalho e o de Reis. Quando o senhor Roxão abriu a porta, o arfe-lo fez a venda e em seguida entregou a bandeira para o dono da residência, este a conduziu para o quarto e ali eles finalizaram o canto sacro. Em seguida passaram a cantar a súcia e cantaram uma batucada, após

⁴ É nesse momento que o caixeiro abafa o som da caixa com um tecido, para que ela não suplante o som dos outros instrumentos e dos cantadores.

esse momento foram descansar. Acordaram por volta das 7h20, convidados para o café da manhã, às 11h45 foi servido o almoço e depois os foliões foram descansar. Após um bom período de descanso os foliões se reuniram ao redor da mesa para cantar o bendito de mesa, ao terminar, cantaram duas batucadas e uma roda, depois desse momento, começaram a conversar, logo tiveram que se reunir novamente para fazer a despedida, assim fizeram e seguiram o giro.

Nesta noite quatro casas foram visitadas, como nesse dia o giro era pequeno, pois as casas eram poucas e bem próximas umas das outras, eles se demoravam um pouco mais em cada visita, com o objetivo de não chegar muito cedo na casa de pouso.

A chegada no pouso se deu por volta das 2h10 da madrugada, o pouso foi oferecido pelo Senhor Domingos Rodrigues, depois de apearem dos cavalos os festeiros cantaram o canto do agasalho e o canto de Reis, assim que terminaram, o Senhor Domingos recolheu a bandeira para que os foliões cantassem a súa, pois durante a súa, a bandeira deve estar guardada. Antes de cantar as batucadas, foi servido bebidas quentes, depois de ter cantado 2 batucadas e 1 roda, os foliões foram descansar. O descanso foi curto e logo em seguida eles levantaram para tomar café da manhã, nesta refeição foram servidos: pães caseiros, bolo de arroz, queijo, enroladinho, leite e café. Após esta refeição os foliões voltaram a dormir, por volta de nove horas levantaram e alguns foram para o rio tomar banho e conversar, logo chegou a hora do almoço, depois do almoço voltaram para o descanso, ao entardecer cantaram o bendito de mesa, e em seguida mais três rodas e uma batucada, por volta de 18h00 horas, se reuniram na parte de fora da casa e fizeram a despedida, foi quando o Sr. Domingos pegou a bandeira que estava no quarto, fez uma venda e entregou-a para o arfe-lo, este passou a bandeira para um dos foliões, para que pudesse beijá-la, desta forma todos foliões, um após o outro se ajoelharam e beijaram a bandeira, depois disso, o Sr. Domingos, proprietário da casa do pouso, beijou a bandeira e em seguida seus familiares fizeram o mesmo, após essa benção a folia saiu para uma nova noite de giro, nesta noite foram visitadas seis residências, que novamente ficavam a pouca distância umas das outras.

Nesta 5ª noite a folia chegou na casa do Sr. Domingos Marques à 1h45 da madrugada, fizeram o canto do agasalho e entraram na residência finalizando o canto com a pedida de esmola, em seguida cantaram a súa. Como sempre, depois da súa, foram beber as bebidas que o Senhor Domingos Marques levou para

mesa, logo depois cantaram duas rodas e foram dormir. Na manhã seguinte, às 7h30 foram tomar café, que consistiu em bolo de arroz, biscoitos, café e enroladinho, depois disso os foliões foram para casa dos vizinhos mais próximos para conversar, perto do almoço eles retornaram e o violeiro foi afinar a viola, nesse momento ele cantava roda dos colegas de folia, logo em seguida chegou a hora do almoço.

Após o descanso que se seguiu ao almoço cantaram o bendito de mesa, cantaram três batucadas e uma roda. Às 18h30 todos se reuniram e o Sr. Domingos Marques fez a venda, depois entregou a bandeira ao arfe-lo que passou-a para que cada folião a beijasse e fosse abençoado por ela, todos os foliões ajoelharam, beijaram a bandeira que depois foi beijada por todos os habitantes da residência de pouso.

Nessa noite a folia visitou apenas duas casas, depois disso pousou na casa do Sr. Luciano, eram 21h30, assim que chegaram no pouso, cantaram o canto de agasalho, finalizado com a pedida da esmola, cantaram a súaia e foram beber um pouco, depois disso cantaram duas batucadas e duas rodas e em seguida foram descansar.

Fotografia 17 - As montarias utilizadas para o transporte dos foliões entre uma e outra casa visitada, foto no pouso da casa do Sr. Domingos



Fonte: o autor

No 6º dia, o café foi servido por volta das 8h00, foi oferecido bolo, pata, queijo, leite e café. Após a refeição os foliões foram cortar o cabelo, pois durante o giro eles não podem cortar o cabelo e nem fazer a barba, tomaram banho e após um tempo foi servido o almoço, com frango caipira, feijão, arroz e macarrão. Fizeram duas horas de descanso e foram cantar o bendito e mais algumas rodas e batucadas, quando terminaram foram tomar banho no rio e depois foram descansar, só levantaram perto do horário de ir fazer a entrega da folia, levantaram, se arrumaram e fizeram a despedida.

Da casa de pouso eles foram direto para a igreja, que tem o nome de Santos Reis, fazer a entrega, pois não havia mais nenhuma casa para visitar. Assim que chegaram no local da entrega, o Arfe-lo vai à frente do cruzeiro e faz três vendas para poder começar a cantar o canto da entrega; eles iniciaram o cortejo pelo cruzeiro, passaram pelo arco e pegaram algumas petas que ficam amarradas nele, não deixei de perceber, que a cada ponto que eles passavam eles paravam e cantavam versões diferentes do que eles tinham cantado no ponto anterior, assim prosseguiram em cortejo.

Aí a folia chega, faia, aí o fulião chega, fica uma parte parada lá, aí vai só o caixeiro e o aife-lo, faz a venda, três venda, aí faz as três venda, para. Aí os fulião vem, aí começa fazer o canto do cruzeiro pra igreja. (Aí só vai pra igreja depois que passar pelo cruzeiro?) É depois que passar pelo cruzeiro, aí depois do cruzeiro tem o arco, aí passa pelo o arco (Depoimento Sr. Rainor).

Depois do arco seguiram o cordão de São Francisco, que como já foi dito é um cordão enfeitado que liga o cruzeiro à igreja, a próxima parada foi na igreja, onde o Terno cantou alguns versos, todos os presentes se ajoelharam (até os próprios foliões cantaram ajoelhados) e o arfe-lo passou a bandeira por cima de todos.

Os foliões cantaram estes versos entre outros:

Oi fazemo a separação aqui hoje nesse dia, aqui hoje nesse dia.

Oi vamos cantar a dispidida, da chegada da fulia, da chegada da fulia, Jesus dispidiu do seu povo, quando foi pra Jerusalém, quando foi pra Jerusalém.

Oi na chegada da folia, vamos dispidir tomem, vamos dispidir tomem. Oi dispidida, dispidida, dispidida do a hora, dispidida do a hora.

Oi dispidida do nosso pai, que u fulião vai simbora, que o u fulião vai simbora, oi dispidida, dispidida, dispidida de São Francisco, dispidida de São Francisco.

Oi diga os senhores e senhoras que eu fui na passagem de Cristo, que eu fui na passagem de Cristo, oi criou seu mundo em roda, respondeu-se nesse instante, respondeu-se nesse instante.

Oi na frente da bandeira ajoelha toda gente, e ajoelha toda gente. Oi adorar a bandeira do divino Santo Reis, do divino Santo Reis. (Canto dos foliões entoado dentro da Igreja para a despedida do giro e entrega da bandeira)

Quando terminou esse canto, todos gritaram: Viva Santos Reis! e estouraram foguetes. Para concretizar o ato, eles fizeram uma reza e, dessa forma, concluíram a entrega da folia. A partir desse momento, todos foram para festejar na feira, local no centro da comunidade, que fica bem próximo à igreja e que se presta como ponto de encontro para os habitantes.

Após a entrega da Folia acontece a festa, ela é organizada pelo encarregado da folia porém, quando o encarregado tem dificuldades para arcar sozinho com todas as despesas a comunidade faz doações e consegue patrocínios para que a festa aconteça. Desta maneira os moradores conseguem receber todas as pessoas da comunidade e os vários visitantes vindos de outros lugares. Muitas vezes a Prefeitura do Município de Arraias também contribui com alimentos, sonorização ou pagando o cachê de artistas. No dia da festa (que também é o dia da entrega) acontece um torneio de futebol, com a presença de times de toda a região. O torneio tem início às 8h e faz uma pausa para o almoço. Nesta refeição é servida carne cozida, macarrão, feijão, arroz, gueroba entre outros pratos, o torneio é finalizado na parte da tarde, com a premiação para os times vencedores.

Fotografia 18 - A Igreja da comunidade, onde é realizada a entrega do giro. Seu nome é Igreja de Santos Reis



Fonte: o autor

À noite, após a entrega da folia é servido um jantar (que é chamado de banquete) para todos, geralmente são abatidas uma ou duas vacas, após o jantar tem início o forró, a fonte do som pode ser uma banda (quando conseguem junto da Prefeitura) ou, na falta dela, um carro de som, a festa se prolonga pela noite inteira e só termina por volta das 7h ou 8h do outro dia. Depois da festa acabada, aqueles que estão com fome vão para cozinha requeantar as sobras. No dia seguinte (dia 7) o dono da festa e os moradores ajudam a fazer a limpeza do local.

CONCLUSÕES

Este trabalho teve como objetivo acompanhar a Folia de Reis da Comunidade Kalunga do Mimoso, em Arraias (TO), procurando contribuir para o registro e salvaguarda deste importante patrimônio cultural.

Para atingir esse objetivo, procuramos entender como funciona o giro da folia, como é a região onde se dá a festa, quem são e o que move seus protagonistas. Para isso, foi realizada uma observação cujos resultados procuraram descrever, de forma detalhada, a festa, assim como foram empregados registros fotográficos como dados primários, ou seja, informações visuais (LOIZOS, 2017); tais registros são importantes como parte da descrição pretendida no trabalho e procuram proporcionar ao leitor uma descrição mais “densa”, conforme proposto por Clifford Geertz (1978), procurando conduzir o leitor a “olhar pelos meus olhos”.

Fotografia 19 - Uma das casas típicas da Comunidade Kalunga do Mimoso. Esta é a casa da Dona Elena. Na foto é possível observar claramente a parede de adobe e a cobertura de palha, além disso é possível perceber as duas construções com a cozinha separada e logo em frente da casa.



Fonte: o autor

A Folia, como manifestação cultural da comunidade, vem sendo feita há muito tempo, com o objetivo de manter a tradição e fortalecer a cultura. Em uma primeira aproximação tratamos de compreender o seu significado para a comunidade através da sua origem e história contada pelos mestres, membros mais velhos da povoação.

Um dos resultados da pesquisa nos mostrou que a possibilidade da continuidade da festa por muitos anos ainda parece ser muito real, o que é um dado positivo. Essa “continuidade”, é assegurada pela consciência das pessoas com relação à manutenção da tradição, como nos relata o Sr. Célis Macedo em depoimento:

Uai, pra mim a folia é uma tradição, ela é uma arte aqui pra nois aqui na fazenda, pros quilombolas aqui. Igual tem, as vezes a gente fala uns verso, que fala assim: a folia é uma arte que mora no meu coração, a tradição traz a cultura deixada por geração, quando é tempo de folia, se alegra o fulião, pois então vamos juntos cumprir nossa missão, alegrando e evangelizando na cidade e no sertão.

Ou como diz o Sr. Rainor Marques:

é bom, porque não pode caber a tradição, que meu pai era vivo, já morreu meu pai e mãe, não era para acabar a tradição, aí a gente tamo continuando.

Desta maneira é possível perceber que a população tem a preocupação em manter a continuidade desta manifestação cultural, pois de alguma maneira se veem salvaguardando práticas ancestrais e as origens culturais da comunidade:

É que meu pai era caxero, era caxero, guia, fulião vei sabido (Sr. Rainor Marques).

O insinamento foi o seguinte, quer dizer que isso já vem dos tronco véi, aqueles mais véi, vai ensinando o mais novo, os mais novos vai aprendendo né, aí cumu dizer assim num tem, tem a bribia, que ensina também né, mais vem mais dos tronco mais véi, aqueles fulião vei, vai morrendo mais ensina os mais novo, cume que é foi o começo, é por aí (Sr. Aristeu Rosa).

A partir da fala do Sr. Aristeu Rosa também é possível perceber de uma forma bastante clara a concepção de transmissão dos saberes da tradição. Como são feitos os ensinamentos, como são transmitidos os conhecimentos dentro de uma perspectiva quase iniciática, pois o aprendiz deve acompanhar o mestre durante muito tempo e aos poucos ir se inteirando dos saberes, dentro de um processo que muito se aproxima da etnopedagogia:

Eu aprendi que eu girava com os fulião, e via os fulião bate os pandero eu aprendi bater do mesmo jeito [...] outras rodas a gente via de outros fulião particular e aprendia e cantava (Depoimento Sr. Aristeu Rosa).

Eu aprendi tocar mesmo assim pelo dom meu, mais só que meu pai ensinou só o sol, meu pai ensinou o sol. Aí pela minha inteligência, eu peguei as outras notas (Depoimento Celis Macedo).

Não eu, mesmo que observando ele (o pai) tocar caxa, aí eu pegava a caxa e tentando bater, até aprendi (Depoimento Sr. Rainor Marques).

Presume-se então que a continuidade da festa pode ser assegurada com a presença de participantes mais jovens; pessoas que ainda não sabem todos os cânticos, mas já conhecem alguns versos, vão aprendendo pouco a pouco novas trovas, aprendem a tocar algum instrumento, cantam e participam nas rodas e batucadas. A folia torna-se então um momento propício para a transmissão de valores entre gerações, reafirmando princípios de fé cristã e resistência cultural.

Mesmo que seja factível a incorporação de novos elementos na festa, visto a capacidade de adaptação da cultura, é possível perceber que a tradição está solidificada — circunstância que se torna evidente a partir de um ritual estabelecido e que se mostra, ainda mais claro, quando percebemos a utilização de uma estrutura permanente repetida ao longo do giro e ao longo dos anos, como é possível perceber nos depoimentos dos entrevistados:

Aí a folia chega, faia, aí o fulião chega, fica uma parte parada lá, aí vai só o caixeiro e o aife-lo, faz a venda, três venda, aí faz as três venda, para, aí os fulião vem, aí começa fazer o canto do cruzeiro pra igreja [...] Aí depois do cruzeiro tem o arco, aí passa pelo o arco (Sr. Rainor Marques).

Só um canto. (Esse canto pode deixar de cantar?) Não, não pode, esse aí é o premente! Depois do canto vem a suça, pa pude pará, aí já vem a roda que é a brincadeira (Sr. Rainor Marques).

No pouso é o agazai é o canto do dono da casa e o bendito de mesa e a dispidida pra sair no outro dia. (E nas outras casas, quando é só pra visitar?) É só o canto, se tiver algum oferecimento de algum, de algum armoço pra algum fulião tem o canto é o bendito e a roda e só (Sr. Aristeu Rosa).

São 3 cantos. (Desses cantos, pode deixar de cantar algum ou é obrigatório a cantar?) Não, é obrigatório! (Esses cantos são no pouso ou em toda casa tem que cantar eles?) Não, no pouso. (E durante as visitas nas casas?) Não, na casa são só um só, na casa é só um (Sr. Célis Macedo).

Tal estrutura se resume a um canto de chegada e louvor quando é iniciada a visita propriamente dita: o canto inicia fora da casa e continua dentro dela. Depois disso, em cada casa, há a possibilidade de cantarem a súcia, as rodas e os batuques, dependendo do tempo disponível, da quantidade de visitas a serem realizadas naquela noite, da distância entre cada casa visitada e do interesse do dono da casa.

Nos pousos, além destes cantos, há o canto do agasalho (agazai), que é o

canto para louvar o dono da casa de pouso; o bendito de mesa, que louva a alimentação oferecida, saudando as cozinheiras: *“que ali os fulião janta e vai soldar cozinheiro, servente, aí é um verso que é jogado por deus pá já soldando a comida que é o pão de cada dia, que deus abençoa”* (Rainor Marques). E depois disso os cantos “pagãos” ou de “festa” (súcia, rodas e batuques).

É desta maneira que as folias se mostram como uma importante forma de representação da cultura popular e da manutenção e salvaguarda das tradições populares, sendo a Folia de Reis do Território Kalunga do Mimoso um exemplo vivo dessas tradições, mantida pelos devotos que compreendem a importância cultural da preservação dessa manifestação e que, assim, se mostram responsáveis por manter viva a tradição e a devoção religiosa, expressa por uma fé que se faz representada por diversos símbolos e significados, que vão desde a estrutura e o conteúdo dos cantos até a decoração dos locais de visita e culto.

Evidenciou-se que existe uma relação muito forte entre a música, a imagem, a fé e os gestos, sendo a bandeira o maior símbolo de fé da festa. Ela é venerada e reverenciada por todos os participantes da folia em uma relação de devoção que apresenta uma forte ligação com o sagrado. Existe um apego sincero pela bandeira, e essa devoção apresenta e reforça os valores culturais, simbólicos e religiosos presentes entre os participantes da festa.

Da mesma forma, presenciamos a devoção e respeito pelo altar da igreja da povoação onde a bandeira é colocada e deve permanecer durante todo o ano, sendo retirada apenas em 1º de Janeiro, quando se inicia o giro.

A partir do exposto esperamos que o trabalho tenha sucesso em contribuir com as finalidades propostas nos objetivos, quais sejam:

- a) Fazer conhecer a história da festa e identificar as pessoas que mantêm a tradição viva;
- b) Compreender como são construídos e utilizados os instrumentos musicais dentro destas práticas.
- c) Compreender e analisar a relevância desta festividade para a cultura local.

Também espera-se que o trabalho possa contribuir para dar visibilidade à festa e incentivar o desenvolvimento de novas pesquisas na área.

Observação final: A título de esclarecimento, é importante registrar que todas as entrevistas e fotografias foram autorizadas pelos participantes da festa. Como

havia a preocupação em não causar constrangimento com a utilização do recurso de uma assinatura em um documento que eventualmente o participante não teria condições de ler, seja pela situação do evento ou por outra condição. Optou-se pela autorização gravada em áudio, sendo assim, a título de questão de ética em pesquisa, declaramos que todas as autorizações para utilização de depoimentos e imagens estão gravadas.

REFERÊNCIAS

- CHAVES, Danisa. **A Folia de Reis na cidade de Três Corações**: um estudo sobre cultura popular. 2011. 76p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, 2011.
- CORREIA, Iara Toscano. **(Re)Significações religiosas no sertão das Gerais**: as folias e os reis em Januária (MG). 2013. 317p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.
- BRESLER, Liora. Etnografía, fenomenología e investigación-acción en educación musical. In: DIAZ, Maravillas (Coord.). **Introducción a la investigación en educación musical**. Madrid: Enclave Creativa, 2006. p. 83-99.
- COUTINHO, Clara Pereira. **Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas**: teoria e prática. 2.^a ed. Coimbra: Almedina, 2013. 421p. (1.^a ed. 2011).
- DANTAS, Fred. Santo Reis de Bumba: praxe pedagógica e organologia. In: SANTOS, Ana Roseli Paes; SANTOS, Wilson Rogério (org.). **Educação musical na educação do campo**: outras epistemologias. Palmas: EdUFT, 2018, p. 115-177.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HORNBOSTEL, Erich; SACHS, Curt. Classification of musical instruments. **The Galpin Society Journal**, v. 14, 1961, p. 3-29.
- HORTA, Ana Paula Santos. **Os reis da Canastra**: os sentidos da devoção nas Folias. 2011. 113p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. 1.^a.ed. reimp. Porto Alegre: Artmed, Belo Horizonte: UFMG, 2007. 340p. Tradução de: La construction des savoirs: manuel de méthodologie en sciences (1.^a.ed.1997).
- LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 137-155.
- LOURENÇO, Aliny Cristina. **A Folia de Reis de São José de Barreiro**: recurso cultural brasileiro. 2014. 127p. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- MERRIAM, Alan P. **The Anthropology of music**. Evanston: Northwestern University, 1964.
- NETTL, Bruno. **Theory and method in ethnomusicology**. London: The Free Press, 1964.
- PORTO EDITORA. **Dicionário de sinónimos e antónimos**. Porto: Porto, 2011. 719p.

APÊNDICES

Roteiro de Entrevista

1. Nome:
2. Idade:
3. Há quanto tempo é morador da comunidade?
4. Há quanto tempo, o senhor/a acompanha a folia de reis?
5. Qual a sua opinião quanto a importância desta festividade?
6. Qual a diferença que o/a senhor(a) nota da primeira folia que participou até hoje? explique tais mudanças/diferenças.
7. Descreva a festividade desde a escolha das pessoas que soltam a folia, até o momento da recolhida da folia.
8. Qual o significado do cruzeiro?
9. Por que, durante o bendito de mesa, precisa ter um alimento na mesa com os garfos encruzados?
10. Quais instrumentos você sabe tocar e como aprendeu?
11. Durante as visitas nas casas quantos cantos são cantados e quais não podem deixar de cantar?
12. De onde vem os instrumentos utilizados na folia? Descreve sobre a origem de cada um.
13. Que historia tem a bandeira da folia? Conte-me o que sabe sobre isso.

14. Qual a importância da folia de Reis para a sua comunidade?

15. Como é a comida na folia? Quais pratos tem e quem fornece ou faz?

16. O Sr. conhece a existência de outra folia aqui no Mimoso?

17. Fale um pouco mais sobre a folia, alguma coisa que ache importante e não tenha sido perguntado.

Transcrição das Entrevistas

Entrevistado 1

1. Qual o nome do senhor completo? Rainor Marques de Souza.
2. Quantos anos o senhor tem? Tô 46!
3. Há quanto tempo o senhor é morador da comunidade quilombola do mimoso? Nascido e criado esses 46 anos!
4. Há quanto tempo o senhor acompanha a folia de Reis? Tem muitos ano, até agora. O senhor lembra quanto tempo? 18 ano!
5. Qual é sua opinião quanto a folia, a importância da folia pro senhor? Uai é bom, porque não pode caber a tradição, que meu pai era vivo, já morreu meu pai e mãe, não era para acabar a tradição, aí agente tamo continuando. Então o pai do senhor era um dos membro que. Era! que não falhava na folia? Era o dono da festa, da folia.
6. Do início da festa até os dias de hoje, desde que o senhor começou a acompanhar até hoje, o senhor notou alguma diferença da folia? Não! É a mesma, só que os fulião mais vei, não gi, não ta girando mais, gira pouco, mais os novo, tá, sabe.
7. Descreva, um pouco do início folia até no remato. É por que ela reuni dia primeiro e sai dia primeiro! Aí gira a noite já amanhece o dia, no dia dois no pouso. Aí vocês ensaiam antes de sair? Insaia, ai faz o canto, ai brinca roda, ai vem o bendito, pra pode sair. Vocês jantam antes de sair? Janta, janta, jantado. Aí vai pro pouso? Vai po pouso, gira a noite. Aí quando sai de pouso vai pra outro? Vai pra outro. E depois? Já tem o pouso marcado, aí até, vem dia cinco, gira cinco de noite manhece seis, já na casa ali perto da festa, pa dia 6 faze entrega.
8. O cruzeiro pro senhor, assim qual o significado que tem pro senhor, pra folia. Aí a folia chega, faia, aí o fulião chega, fica uma parte parada lá, ai vai só o caixeiro e o aife-lo, faz a venda, três venda, ai faz as três venda, para, aí os fulião vem, aí começa fazer o canto do cruzeiro pra igreja. Aí só vai pra igreja depois que passar pelo cruzeiro? É depois que passar pelo cruzeiro, ai depois do cruzeiro tem o arco, ai passa pelo o arco.
9. Por que, durante o bendito de mesa precisa ter um alimento em cima com os garfos encruzados? É porque é importante, que ali os fulião janta e vai soldar

cozinheiro, servente, aí é um verso que é jogado por deus pá, ja soldando a comida que é o pão de cada dia, que deus abençoa, pa. E esses alimentos que tem na folia, no pouso? É produzido daqui mesmo, é so memo, feijão garioba, galinha, carne. É quem é que faz esses pratos? É o servente, a comida é o dono do pouso, aí a comida quem faz é o dono do pouso, aí inconvida a vizinhaça vai ajuda a cozinha pa da pos fulião e mais companheiro.

10. Qual instrumento o senhor sabe tocar senhor Rainor? Eu, é so caxa e pandero. Mais na folia qual o papel, em relação ao instrumento, o principal instrumento que o senhor toca na folia? Eu é pandeiro, canta roda e caxa. E essas roda que o senhor canta, quem cria é o senhor mesmo ou? É eu mesmo que tiro, tiro minha, eu canto a roda e tiro dos outro.
11. E como aprendeu a tocar a caixa? É que meu pai era caxero, era caxero, guia, fulião vei sabido. Como que foi essa forma de ensinamento pro senhor? O senhor aprendeu, so observando ele, ou ele ensinou o senhor, como é que foi? Não eu, mesmo que observando ele tocar caxa, ai eu pegava a caxa e tentando bater, até aprendi.
12. Nas casa, quantos canto são cantado? So um canto. Esse canto pode deixar de cantar? Se chegar muito tarde pode deixar de cantar ou não pode? Não, não pode, esse ai é o premente! Depois do canto vem a suça, pa pude pará, aí já vem a roda que é a brincadeira. E a batucada, canta também? Canta, canta também a batucada. Mais é em toda casa? Depende dono querer o dono da casa pidi.
13. E esses instrumentos senhor Rainor, que são utilizados na folia, da onde vem? Os pandero, caxa é construído aqui, agora o violão, já compra, já vem da cidade. Como que é construída a caixa? A caxa é de madera, ai é feita de piqui, ai fais u bocal dela é igual pandeiro, fais o arco, o coro de campera rapa aí se faz um arrojamento dela de corda, fura, bota umas alças e arrocha e bota a açoitadera, bota uma pena. E açoitadera é o que? Um cordão torcido pa da um som. E aquele pano? Durante a minha observação eu percebi que vocês utiliza um pano na caixa, para que que serve aquilo? Aquele ali é pra da o som mais baixo, na hora que está fazendo o canto o bendito, ai quando ta andando a fulia ai tira o Pano pa da u som, a evem fulia tá lá longe tá dano sinal pros morador que a folia já evem.

14. E o pandeiro o senhor sabe como é que constrói? O pandeiro é de coró de catingueiro. Ai já o couro é diferente da caixa? É diferente da caixa é catingueiro, ai puxa compra chuliadera, puxa ele e prega, aí quem quiser sem chengo é sem chengo, quem não quiser. Chengo é o que? Chengo é aquele pra da o instrumento no pandero pra da aquele barui no pandero. Qual material vocês utilizam para fazer o chengo? O chengo é, di primero aquela tampa de garrafa chora-rita outra hora é nica, fura aquela nica de dinheiro né, aí fais o instrumento.
15. E a bandera? A bandera eles compra na rua, aí batiza na igreja, ela já vem com o foto do santo, ai bota ela no arco, e prende ela para na hora que fazer a venda, não sair. A madeira tira aqui mesmo? E qual a madeira que vcs utilizam? A madeira qualquer pauzinho linheiro, um perero.
16. Qual a importância da folia para comunidade? É bom pra não cabar a tradição, que já tem muito tempo, que si cabar, ai agora o festejo, fica fri.... ai que a folia é uma religião catorca, a tradição catorca que o povo aqui veve nela, ai uns dueçe, nego fais a prumeça salva a vida ai continua fazendo a festa.
17. O senhor conhece outra folia, aqui na região, a não ser a folia de reis? Tem a folia de santo ontono. Tem alguma diferença ou é a mesma coisa? A diferença porque ela gira de dia e os cantos é outros, é diferente.

Entrevistado 2

1. Qual o nome do senhor completo? Aristeu dos Santos Rosa
2. Quantos de idade o senhor tem? Tenho 72 anos.
3. Quanto tempo o senhor é morador dessa comunidade? Quanto tempo que sou morador? Nasci e criei aqui na comunidade.
4. O senhor já saiu daqui para ir pra algum lugar? Não, Toda vida aqui, aqui mesmo.
5. Há quanto tempo o senhor vem acompanhando a folia de reis? Uai, desde que comecei acompanhar ela, eu tava com 18 ano de idade, daí pra cá nunca parei.
6. Qual a opinião que o senhor tem dessa folia, qual a importância dela pro senhor? A importância é que a folia dos tronco vei dos mais vei, ai todo mundo acompanha, que ai vai morrendo os mais vei, e é uma diversão que tem e o povo tem a, a fé no santo padueiro do lugar né.

7. O senhor notou alguma diferença desde que quando o senhor começou a girar até os dias de hoje? A diferença que tem é que ela sempre gira de noite, dia manhece ta no pouso e agora tem vez que os morador, aumentou muito, marca o pouso, quando já chega com solo alto.
8. O senhor pode me falar um pouco desde a escolha do festeiro, até o dia do remato, como funciona o giro da folia, a escolha? O giro da folia é o seguinte, tem uns fulião que é costumado girá, aí sempre tem o inconvido, incovida pra dia primeiro, aí agora dia primeiro ela saí a noite, e aí remata, e só vai girar pras casas e remata dia seis. Como funciona a saída? Vão primeiro pra igreja, pra pode panhar o padruero que tá lá a igreja, aí chega os fulião, vai pra lá, bate na caixa e vai beijar, aí volta, vai jantar, terminou a janta, aí eles vai, não eles vai fazer a saída, cantar o canto da saída. Depois daí eles vão pra onde? Vai pro giro, pra as casas, girar, aí posa que é seis dias, tem seis noite, tem seis pouso, dia amanheceu tem que posar, aí até o dia do remato, dias seis.
9. Qual o significado do cruzeiro? Porque o verso do cruzeiro é um, e do arco é outro e o de la de dentro, aí primeiro eles lova o cruzeiro, depois eles passam pro altar, altar não! Pro arco, de do arco eles lova as bandeirinha vai pro altar, que é o canto de lá de dento, depois de la de dento eles fais o canto pá o encarregado, depois eles lova a imagem que tá lá dento, aí vai cantar a dispidida pa pude terminar. Então quando eles vão para igreja eles tem que passar pelo cruzeiro? O cruzeiro é o início do canto, aí eles tem que passar pelo cruzeiro pa modo ir pro altar, po arco pa depois po altar.
10. Como é feito o ensinamento desses cantos? O insinamento foi o seguinte, quer dizer que isso já vem dos tronco véi, aques mais véi, vai ensinando o mais novo, os mais novos vai aprendendo né, ai cumu dizer assim num tem, tem a bribia, que ensina também né, mais vem mais dos tronco mais véi, aqueles fulião vei, vai morrendo mais ensina os mais novo, cume que é foi o começo, é por ai.
11. Por que, durante o bendito de mesa precisa ter uns alimentos na mesa com os garfos encruzados? Os alimentos na mesa é o seguinte, que aí tem que ter, o pessoal tá ali, os fulião que limentar primeiro pra poder cuidar ne outra coisa. Ai, Agora na mesa é o seguinte, pa fazer o bendito, tem que ter os

garfos encruzado e uma sopera de farinha que for, não tem problema pa eles pode lovar.

12. Quais instrumentos o senhor sabe tocar senhor Aristeu? Instrumento eu so sei bater, mali é o pandeiro, que eu aprendi foi o pandero. Como foi que o senhor aprendeu? Eu aprendi que eu girava com os fulião, e via os fulião bate os pandero eu aprendi bater do mesmo jeito. Quando o senhor ia pra folia, o senhor tinha outra função, além do pandeiro? Não era só o pandeiro, era só o pandero mesmo, era pandero, judar cantar e cantar roda. Essas rodas que vocês cantava na folia, senhor mesmo que fazia? outras rodas agente via de outros fulião particular e aprendia e cantava.
13. Durante essas visitas nas casas, quantos cantos são cantados? No pouso é o agazai é o canto do dono da casa e o bendito de mesa e a dispidida pra sair no outro dia. E nas outras casas, quando é só pra visitar? É so o canto, se tiver algum oferecimento de algum, de algum armoço pra algum fulião tem o canto é o bendito e a roda e só.
14. Os instrumento que vocês utilizam na folia, de onde vem, da cidade ou é fabricado aqui? Da cidade vem só a viola, a viola, i o pandero i a caixa é o povo mesmo cá é qui fais. Como que faz o pandeiro? Ua, o pandero lavra um pau, tem uns pau que sempre inrola, lavra ele e inrola ele, fais o arco, marra e ai pega o coro i puxa, í prega com chuliadera, i coloca o chengo. Qual o couro que vocês utiliza para fazer o pandeiro? Ua, antigamente era coro de cutia i catingueiro, coro de cutia também não ta nem ranjando mais, tá fazendo mais de couro de cantingueru. E o chengo, como é que é feito? O chengo é qualquer um flande, até tampa de garrafa, fazia chengo. E a caixa como é que é feita? A caixa é cortado um pau ocado, corta no tamanho, e pule ela pro dentro, que ela fica bem lizinha por dentro, ai agora fais um arquinho ruliço de pau e coloca o coro, do mesmo jeito do pandero e ponhoi as arças e puxa, fais o cambito de aruera que for, e ponhoi açoitadeira. O que açoitadeira? Açoitadeira pode ser corda de viola e pode ser um cordão com uma pena de galinha. Para que serve ela? O que? Açoitadeira! Açoitadeira pra da som na caixa, pra afinar a caixa. E o pandero como vocês afina? O pandero afina ele o seguinte, depois de puxar ele, que ele secou o coro, pois o chengo ele já tá afinado. E a noite, mesmo com o tempo frio ele não amolece não? Não se ele

for bem puxado ele não amolece e se for mal puxado, tem fez que é prisiso você esquentar ele, aí ele volta o normal.

15. E a bandeira? A bandera é mandada pintar na cidade, batizar e trazer aí pa soltar a folia. Ela vem com o pau? Não, vem só a bandera, aí de cá ponhoi o mastro, um pauzinho ou então, aí tem o local de enfiar o pau que é o mastro que agente trata. E o violão? O violão já vem completo, aí quebrou a corda, ai comprou o incurduamento e pois.
16. Qual a importância da folia de reis para comunidade, o que o senhor acha importante da folia para a comunidade? Importante porque, o povo tudo tem fé na divindade né, agora já vem dos tronco mais véi, aí o povo, os mais véi vai morrendo, todo mundo vai acompanhando, pôr os tronco vei né.
17. O senhor conhece outra folia aqui na comunidade? Conheço, é a folia de santo ontono, gira todo ano também. Elas são iguais ou diferente, como é? É só porque muda, o santo, uma é santo Ontono e a outra é santo Reis, Santo Reis gira a noite a santo Ontono gira de dia. E os cantos, são iguais? não os cantos é diferentes, santos Reis é dum Jeito e santo ontono é de outro.

Entrevistado 3

1. Qual o nome completo do senhor? Celis Izidio Macedo
2. Qual a idade do senhor? 45 anos.
3. Quanto tempo o senhor é morador aqui da comunidade? Desde de quando eu nasci. O senhor já foi pra algum outro lugar ou sempre morou aqui mesmo? Não, eu moro aqui mesmo.
4. Há quanto tempo o senhor vem acompanhando a folia de reis? Desde dos meu 15 anos que eu acompanho
5. Qual a importância dessa folia pro senhor? Uai, pra mim a folia é uma tradição, ela é uma arte aqui pra nois aqui na fazenda, pros quilombolas aqui. Igual tem, as vezes a gente fala uns verso, que fala assim: a folia é uma arte que mora no meu coração, a tradição traz a cultura deixada por geração, quando é tempo de folia, se alegra o fulião, pois então vamos juntos cumprir nossa missão, alegrando e evangelizando na cidade e no sertão. Esse verso o senhor pegou pronto ou o senhor fez? Eu peguei esse verso.
6. Senhor celis desde quando o senhor frequenta a folia desde o inicio, até nos dias de hoje. O senhor notou alguma diferença? Não, pra mim é normal.

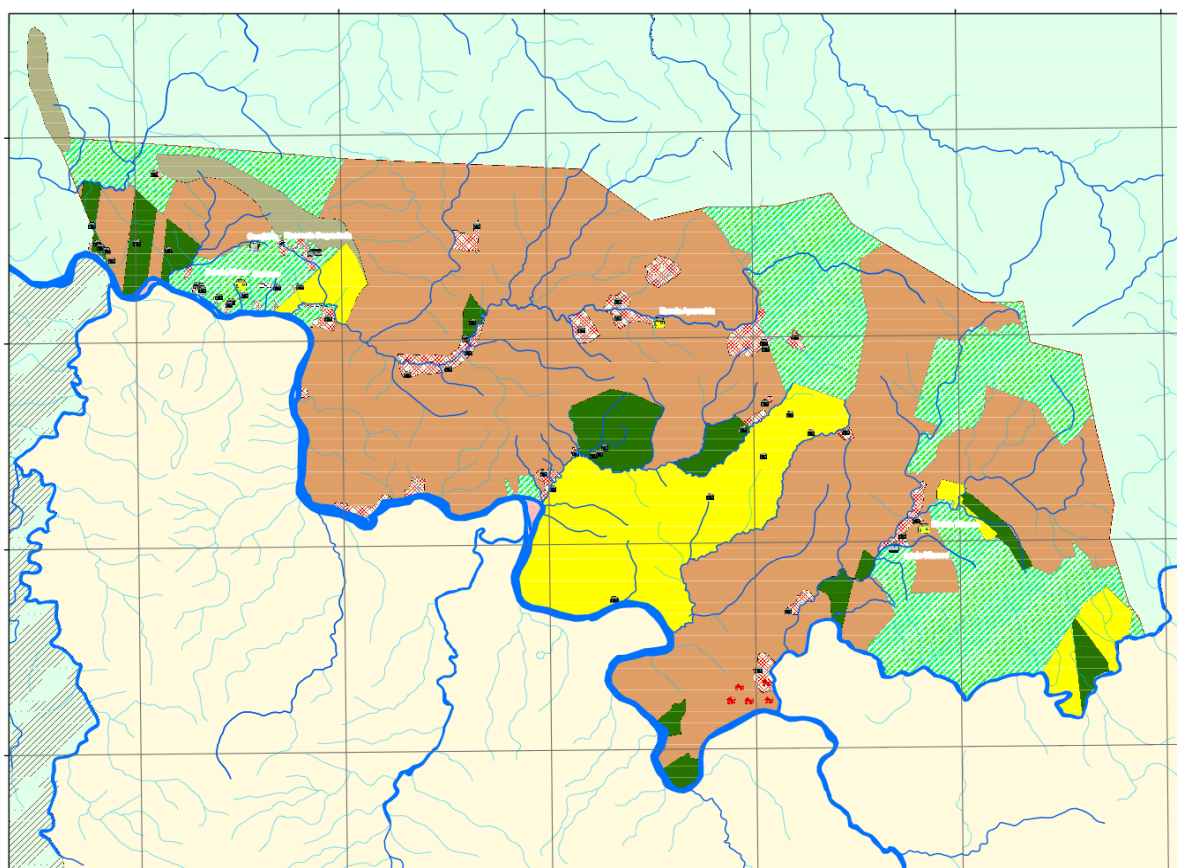
- Então o senhor acha que não teve nenhuma mudança? Não, pra mim não teve não.
7. Senhor celis, fala pra mim um pouco, desde da escolha do festeiro até o dia do remato, como é que funciona essa escolha? Do dia do festero, é... da saída começa, a pessoa reuni os foliões, para pode sair né, aí tem que reunir os foliões, chamar todo mundo né pra pode saí, e aí a pessoas fais, pega ranja as consinhera fazer a comida né, e servi pro fuliões . como é que é feita a escolha do festeiro? Do festero é assim, tem uns qué é promessa, outros que, que mesmo quer fazer né, as vezes nem é promessa, que mesmo que fazer, só uma tradição mesmo, porque gosta também de soltar folia né, porque a folia é uma animação, né. A folia, a onde que eles reúne ela pra poder sair? Reuni lá no festejo. De lá eles vão pra onde? Reuni no festejo do Mimoso, aí vai girar nas casas. quanto tempo dura esses giro senhor celis? Dura 6 dias, 6 dias de giro, e Santo Reis gira de noite. E os pouso, já é marcado ou marca na hora, como é? Tem uns que marca na hora, outros é, chegou o dia está manheceno aí o pouso é aí mesmo.
 8. Para o senhor, qual o significado do cruzeiro? O cruzeiro é o símbolo da chegada da folia, aí tem que cantar no cruzeiro pra depois soldar, os santos que tá no altar. Porque durante o bendito de mesa precisa ter um em cima da mesa com uns garfos encruzados? Nois deixa pra fazer uma saudação, em louver daquela dispesa nois cumemos, e saudar as consinheiras também, as consinheiras os bagajeiros, soldar tudo e a família que deu o alimento.
 9. Senhor Celis, quantos instrumentos o senhor sabe tocar? Eu sei tocar, viola, violão, eu toco dos dois tipos, viola e violão, pandero, caxa, caxa se suber cantar se não suber, não de bater caxa não, mais bater suça eu sei bater, eu sei bater. Mais qual o instrumento o senhor toca na folia? Violeiro, violeiro, sou violeiro. Como o senhor aprendeu tocar esse instrumento senhor celis? Eu aprendi tocar mesmo assim pelo dom meu, mais só que meu pai ensinou só o sol, meu pai ensinou o sol. Aí pela sua inteligência. aí pela minha inteligência, eu peguei as outras notas.
 10. Durante as visitas nas casas, quantos cantos são cantados? São 3 cantos. Desses cantos, pode deixar de cantar algum ou é obrigatório a cantar? Não é obrigatório! Esses cantos são no pouso ou em toda casa tem que cantar

- eles? Não no pouso. E durante as visitas nas casas? não na casa são só um só, na casa é só um.
11. Esses instrumentos que são utilizados na folia, eles vem de onde? Eles vem daqui mesmo, as vezes a gente fais né, a gente tira a madeira, fais, lavra uma caraíba, fais um arco, e usa aqui mesmo pra fazer uma caxa, fazer o pandero, e a viola a gente compra aí, mais vem daqui do Brasil, a viola. Como é que é feito o pandeiro? O pandero ce tem que tirar, a caraíba, lavra ela, e pegar um couro e colocar, e comprar chuliadera pra colocar. Qual o coro vocês utiliza para fazer? Uai, se a gente conseguir um coro de cutia bão também né. E se não achar? Se não acha até couro de gado a gente fais tambem rs rs . Mais o coro de gado é bem mais duro em. E a caxa como faz? A caxa tambem é coro de bicho. E a caxa como é feita? Pra fazer a caxa tem que ser coro de campera, pra dar um som melhor. O senhor sabe como faz? Eu já vi assim, fazendo, mais eu nunca fiz não. O senhor sabe para que, serve aquela corda, Rs Sei, a resposta da caxa. Serve para que? Pa da resposta pra ela afinar, ficar afinadinha. É o pano que utiliza em cima da caixa? Pra não ficar muito alto, pa embaçar, pa caxa ficar um som mais aprumado, não ficar disparado, ficar aprumado né.
 12. E a bandeira? A bandera é o símbolo da fulia, e a bandera que tem o santo, aí todo mundo adora, o santo né, aí a bandera já serve pra marcar né, como é vai a fulia, onde viu a bandera sabe que os fulião tá tudo ali.
 13. Qual a importância da folia para comunidade? É uma animação é uma arte, é uma animação que todo mundo adora, gosta já vem de muito tempo todo mundo gosta da fulia, quando vê falar todo mundo fica só esperando a fulia chegar na casa pra poder receber o canto, com gosto e alegria.
 14. Qual é a comida que eles serve na folia? A comida que mais serve aqui é , Arroz, feijão e carne, garioba também se tiver, mais só que é mais difícil, é mais é só esse aí mesmo, macarrão, abobora. Quem é as pessoas que fazem a comida? As cozinheiras. Elas são daqui mesmo? As cunsinhera é daqui mesmo.
 15. O senhor conhece outra folia aqui na região? Conheço. Qual? a folia de Santo Ontono, todo ano eu girava ela. Ela é a mesma coisa da folia de Reis ou muda alguma coisa? Ela é diferente assim, porque ela, gira o dia, e santo reis só gira de noite, quando dá de manhã cedo tem que posar, é o estilo daqui,





















dá fulia nossa aqui da fazenda. Os versos são iguais ou diferentes? Uns encontra, mais são diferentes.

ANEXO

Território Quilombola Kalunga do Mimoso – Mapa feito no projeto Cartografia Social
(<http://novacartografiasocial.com.br/download/07-mapa-kalunga-do-mimoso/>)



Legenda

-  Hidrografia
-  Famílias Quilombolas
-  Casas Queimadas
-  Escola
-  Igreja Quilombola
-  Cemiterio Albino
-  Locais das Festas Albino
-  Garimpo
-  Nascente Degradada
-  Ilhas
-  Áreas sem estudo para desapropriação/ em posse de grileiros
-  Áreas em posse de quilombolas/ Aguardadando indenização
-  Área desapropriada em processo de titulação/em posse da Comunidade
-  Áreas desmatadas por grileiros/ Roças Quilombolas
-  Áreas em processo de desapropriação/ em posse de grileiros
-  Serras
-  Perimetro do Territorio da Comunidade Quilombola kalunga do Mimoso
-  Perimetro do Territorio da Comunidade Quilombola Claro Prata e Ouro Fino
-  Limites de Municipios
-  Limite de Estado